

Dimensões essenciais da cultura

— Um seu estudo diferencial e categorial

ELEMENTOS PARA UMA FILOSOFIA DA CULTURA

«A secularização mostra também a vocação do homem de ser Senhor da criação. (...) Perante as suas conquistas, deve o homem dar-se conta da sua pequenez. A sua natureza limitada está aberta para o absoluto, muito além das maravilhas que já construiu com as suas mãos. Só assim ele se poderá abrir à plenitude de Jesus Cristo.»

(D. JOSÉ DA CRUZ POLICARPO, *Evangelização, Anúncio de Liberdade*, Lisboa, Multinova, 1975, p. 28)

1. Semiogonia da noção e seu contexto relacional

1.1. Introdução:

Cultura e Natureza; Cultura e outras «Transcendências»

A **Cultura** entendida em sentido hodierno e absoluto diz respeito a 'tudo quanto o homem faz' enquanto tal, ou seja, ao conjunto sistémico de *manifestações, vivências, representações*,

Nota: Para além de outros esclarecimentos em roda-pé de página, as *referências bibliográficas* aí aduzidas — dado o âmbito vastíssimo de estudos interdisciplinares neste domínio —, têm apenas um *carácter indicativo ou exemplificativo* de determinado teor de investigações que possam constituir sugestão para ulterior enquadramento teórico deste estudo.

valências e práticas reveladoras de um sentido humano e específico da sua vida¹.

Contrapõe-se, em primeiro lugar à **Natureza**, entendida esta como o plano das *condutas, reacções, formas determinísticas, hereditariedade biológica e condições forçosas do meio ambiente*, determinantes da vida no seu nível «animal», ou comparável aos mecanismos da escala adaptatória e ao equilíbrio (global e ecológico) do biológico².

No âmbito da cultura, embora sem se suprimir a natureza, e até prolongando-a, por assim dizer, no que já se considerou uma «segunda natureza»³, encontram-se *graus de elaboração mais autónoma da vida*, para tal contribuindo, o aparecimento de uma *linguagem ou um sistema de simbolização, maior consciência*, até num registo afectivo e desiderativo, uma *reflexibilidade mental*, embora não forçosamente abstracta, desdobramento de «reflexos condicionados» e *multiplicação de eventualidades valorativas e de finalidades possíveis*⁴.

¹ Nesta reflexão, que pretende lançar base conceptual para um estudo categorial da Cultura, toma-se, como ponto de partida, este sentido muito lato de *cultura* na sequência de muitos Autores que assim elencam e integram nesta noção os vários elementos a serem depois discernidos numa *filosofia da cultura*. Vide, entre outros, J. LALOUP e J. NÉLIS, *Culture et civilisation Initiation à l'humanisme historique* («Dimensions de l'humanisme contemporain», Paris/Tournai, Casterman, 1963⁴, pp. 17 e segs.; A. L. KROEBER, *The Nature of Culture*, Chicago, 1952; ID. e C. KLUCKHOHN, *Culture: A Critical Review of Concepts and Definitions*, Cambridge (Mass.), Cambr. Univ. Pr., 1952, reed.; ainda de retomar: L. FEBVRE, M. MAUSS, M. WEBER..., *Civilisation: le mot et l'idée*, Paris, 1939.

² Notem-se em paralelo as contraposições destes vários aspectos da *natureza* em relação aos acima sublinhados da *cultura*. O *autómaton* natural supõe-se assim *longe* da cultura por este seu carácter *meccânico* ou de ausência de *autonomia* e liberdade; por outro lado, *perto* dela, na medida do suporte *vital*, sensível e desiderativo que a orienta ainda para um mor sentido de vida. Cf. E. MORIN e M. PIATELLI-PALMARINI (eds.), *L'unité de l'homme – Invariants biologiques et universaux culturels*, Paris, Seuil, 1974; vide ainda E. MORIN, *La méthode 2 – La vie de la vie*, Paris, Seuil, 1980; e HARRY L. SHAPIRO, *Man Culture and Society*, N.Y., Oxford Univ. Pr., 1956¹, 1971.

³ Toda a clássica temática *naturalista*, ou *naturalizante*, da Cultura, como *paidéia*, tal em ARISTÓTELES na sua concepção do estatuto da *política* e da *ética social* (Pol., I, 9, 1253a; Et. Nic. IX, 9, 1169b...) Cf. WERNER JAEGER, *Paideia Die Formung des griechischen Menschen*, 1933-44¹, Berlin/N.Y., Walter de Gruyter, 1973, pp. 981 e segs.; também G. GUSDORF, *Introduction aux sciences humaines – Essai critique sur leurs origines et leur développement*, Paris, Ophrys, 1974, pp. 38 e segs.

⁴ Tudo características que, ainda para nos mantermos na referência clássica, ARISTÓTELES elenca no célebre início da *Metaf.* A, 1, 980a 22 e segs., quando salienta o *natural desejo de saber* mais propriamente de *visão* consciente, logo *transmissível pela palavra e pelo raciocínio (logismos)*, e depois atinente a *fins* na aristotélica valo-

No limite destas transformações, que equacionam e em relação às quais surge a mediação cultural, encontra-se uma realização humana, pessoal e até mais plenamente autónoma ou espiritual, que transcende a Cultura e se lhe contrapõe também, neste caso numa ordem de *expressividade livre, sentimentos autónomos, inteligência criadora, espontaneidade ética e liberdade espiritual*⁵. Uma espécie de ordem «para além do Bem e do Mal», de todas as formas, então, médias (e afinal medíocres) de toda a cultura, que neste contraste se revelam numa ambígua intermediação, num estágio quando muito mais supletivo do que à natureza falta, ou do que a essa outra ordem espiritual pode metodicamente preparar e orientar⁶.

Se tal ordem superior se designar por **Espírito**, querendo assim significar esse âmbito de espontaneidade, de autonomia e liberdade,

rização da *causalidade final*. É toda uma *educacional mediação «meta-física»* da humana cultura... Cf. H. I. MARROU, *Histoire de l'éducation dans l'Antiquité*, Paris, Seuil, 1948, pp. 151 e segs.: «La civilisation de la "Paideia"» – «La religion de la culture».

⁵ Deve aqui advertir-se, de uma vez por todas, que não se pode confundir esta instância *espiritual*, como habitualmente, com o plano *intelectual moral* ou *cultural* em sentido estrito. Toma-se o *espírito* de acordo com a clássica noção de *pneûma* a traduzir menos a tradição estoíca de um alento cósmico, um respiro (cf. lat. *spiritus* também em toda a simbologia «vital» do *ar* da «alma» ou em paralelo com ela (cf. entre outros, R. B. ONIANS, *The Origins of European Thought about the Body the Mind the Soul the World Time and Fate...*, Cambridge, Cambr. Univ. Pr., 1951, pp. 59 e segs.)), e preferentemente na acepção bíblica de *ruach* (não da psíquica-*nephesh*) e referida à Transcendência mesma. Cf. MARIE E. ISAACS, *The Concept of Spirit, A Study of Pneuma in Hellenistic Judaism and its Bearing on the New Testament*, London, Heythrop, 1976, pp. 82 e segs. É o 'tò *pneûma hópou thélei pnei kai tèn phonèn autoû akouéis...*', de Jo 3,8, naquela *espontaneidade e liberalidade* do voluntário, como se vem a reflectir desde S. Paulo e Santo Agostinho, até SCHELLING (*Über das Wesen der Menschlichen Freiheit* (1809)), R. STEINER (*Die Philosophie der Freiheit* (1894¹; 1918), etc. Algo que está para além da Cultura, dir-se-ia, «para além do Bem e do Mal» (cf. F. NIETZSCHE, *Jenseits von Gut und Böse...*) ainda no eco *sapiencial* de uma abertura e transfiguração transcendente: '*Dilige et quod vis fac...*' (SANTO AGOSTINHO, *In ep. ad Parthos*, VII, 8), o radicalmente *Novo* ('Evangelho') além de toda a esfera do conhecido e da Cultura como tal. Cf. também J. KRISHNAMURTI, *This Matter of Culture*, London, Victor Gollancz, 1964, pp. 23 e segs.; noutro sentido: EDWARD T. HALL, *Beyond Culture*, N.Y./London/Toronto, Doubleday, 1986; e *vide* nosso estudo: CARLOS H. DO C. SILVA, «A hodierna sacralização da cultura e o sentido indómito da experiência espiritual», in: Vários Autores, *O Sagrado e as culturas* (Colóquio ACARTE), Lisboa, F. C. Gulbenkian, 1992, pp. 155-191.

⁶ Ambiguidade da *mediação* (*Vermittlung* na hegeliana acepção) que, tanto parece remeter para um ressaltado de *transcendência* e de *Selbstbewusstsein*, como, por outro lado, pode integrar, forçosa ou forçadamente, *tudo* na imanente economia do *Todo* (ainda em Hegel a sua visão *pan-lógica*...). Cf., entre outros, HENRI NIEL, *De la médiation dans la philosophie de Hegel*, Paris, Aubier, 1945; PIOTR HOFFMAN, *Violence*

ainda de amor e pura criatividade, então terá de se verificar em contraponto que a cultura representa, outrossim, o que é do reino do habitual ou dos costumes, do heterónimo e do forçoso, do devido e do transmitido⁷.

Acrescendo ainda um outro plano de equacionamento comparativo da Cultura: o do eixo entre o singular e o plural, o da tendência para a individualidade e o da expressão predominantemente social, ou seja, o da relação entre a expressão tendencialmente minoritária, elitista, até pessoal, e o polo do colectivo, do gregário ou ainda comunitário⁸. É que as expressões da Cultura são usualmente, por aquele carácter sobretudo *transmissivo, intermediário*,

in *Modern Philosophy*, Chicago/London, The Univ. of Chicago Pr., 1989, pp. 73 e segs.; e vide MANUEL DE DIÉGUEZ, *La caverne*, Paris, Gallimard, 1974. Vide referências em nosso estudo, CARLOS H. DO C. SILVA, «O desafio do sentido: Liberdade e condição histórica», in: Vários Autores, *Questão Ética e Fé Cristã*, I, Lisboa, Verbo, 1988, pp. 83-110.

⁷ Cf. *supra* n. 5. De salientar o sentido do Espírito como Amor, *puro dom*, não na acepção vulgarmente *afectiva* de um 'gosto', uma 'sensibilidade', mas como um *bene volere*, uma vontade de bem, um 'verdadeiro mandamento de Amor'... Cf. nossa reflexão: CARLOS H. DO C. SILVA, «A Utopia da Felicidade», in: Vários Autores, *Questão Ética e Fé Cristã II* Lisboa, Verbo, 1989, pp. 31-60. Não só se retoma o sentido pneumatológico da *caridade* (*khâris caritas*... a traduzir sobretudo o hebr. *Hesed*), mas o seu carácter *objectivo* não *afectivo*, mas *efectivo*, tal se esclarece, por exemplo no debate quanto a esse Mandamento de Amor em FRANZ VON ROSENZWEIG, *Die Stern der Erlösung* (Holt, Rinehart & Winston, 1970, II, pp. 159 e segs.), quando se reconhece que esse *mandamento* mais que um *mitsvot* (ou 'preceito' legal) é a Lei mesma da *espiritual realização* do humano. Cf. ainda esta dimensão repensada no *profetismo* da 'filosofia' hebraica: ABRAHAM HESCHEL, *God in search of Man, A Philosophy of Judaism*, N.Y, Farrar, Straus & Cudahy, 1955, pp. 185 e segs., para o qual a Cultura é naturalmente *profana*.

⁸ Este novo eixo de equacionamento antecipa toda a questão da Cultura como *comunicação* e basicamente como *relação*. Importa aqui ter presente a destriça lógica entre *particular* e *geral*, mais do que um (conjunto particular) e conjunto pleno, ou total; e, diversamente, a *individualidade* (dado parâmetro concreto), o único ou a singularidade, e, por outro lado, o *universal*, não como o que é o todo (dito da totalidade abstracta e de 'ninguém'...), mas como *unus versus aliud*, relação que sendo assim «universal» se descobre em cada um. Destriça clássica estabelecida em TÖNNIES, *Gemeinschaft und Gesellschaft* (Leipzig, 1887), retomada por vários autores, como Max Weber, E. Durkheim... Neste último sentido, justamente a propósito da Cultura se deve distinguir entre a *vivência pessoal e comunitária* (universal, ou de uma 'solidariedade orgânica') da mesma, do que poderá ser a hodierna tendência para a avaliar em termos de minoritária (individual ...) ou global (colectiva, isto é, do «social», do *socius* ou de uma «solidariedade mecânica» e de uma visão *totalizante* ou *colectivista*...). Sobre esta última tendência e suas consequências recentes, cf. entre outros, JEAN-PIERRE WARNIER, *La mondialisation de la culture*, Paris, La Découverte et Syros, 1999, pp. 9 e segs.

como se disse, colectivas, quer no sentido mais primitivo de um anonimato, quer na referenciação a grupos, estruturas sociais, igrejas ou comunidades determinantes e mais directamente promotoras da mesma ⁹.

O que está em causa não é apenas a tradução cultural de uma *condição gregária e natural do homem*, como se chegou a dizer, do «animal político», mas de reconhecer na estruturação cultural um âmbito metamórfico, inclusive capaz de criar novas condições de convivialidade do *mit-sein* do humano viver, seja no círculo amplo da colectividade (povo, nação...), seja num agregado mais restrito (linhagem, família, classe, ou até igreja, seita, etc.) ¹⁰. Por conseguinte a Cultura como ingrediente essencial da **Sociedade**.

Ora, a Cultura é tendencialmente *colectiva*, não no mero sentido social natural, mas na aquisição de uma 'cidadania' que a encara de modo *comunitário*, isto é, assumidamente tal, numa representação que possua, de algum modo, uma valência em geral (*Allgemeingültigkeit*) ¹¹.

Entre a Natureza e o dom gratuito da criatividade do plano do Espírito, entre o carácter gregário, ou a mera sociedade animal, e aquele outro sentido comunitário que pode realizar-se em cada um como organização (dir-se-ia «monadológica») que vise a **Pessoa** ¹²,

⁹ Cf. n. anterior. De salientar que a Igreja, como *ekklesia* é o lugar privilegiado da *comunidade* e não se deve encarar na qualidade de *sociedade* de *colectividade*, etc. Cf. nosso estudo: CARLOS H. DO C. SILVA, «Indivíduo ou Pessoa? A perspectiva cristã – Não o «homem solidário» mas a *caridade de ser alguém*», in: Vários Autores, *Visão Cristã da Solidariedade*, Lisboa, Verbo, 1991, pp. 32-69. O tipo de relação *peçoal* e *inter-peçoal* que a constitui, sobretudo no sentido cristão de «corpo místico de Cristo» (cf. E. SAURAS, O.P., *El Cuerpo Místico de Cristo* Madrid, B.A.C., 1952, pp. 549 e segs.) pode fornecer, inclusive um *paradigma de transformação da mera relação cultural*, por transcendência de afinidades electivas, interesses, relações dialécticas, etc. que, então, encontram na *religião* um modelo mais rico e inesgotável da sua inspiração. Cf. ARNOLD TOYNBEE, *A Study of History*, Oxford, 1934-54; PAUL TILLICH, *Kulturphilosophische Schriften* in: *Hauptwerke*, vol. II, Berlin/N.Y., De Gruyter, 1990.

¹⁰ Cf. *supra* n. 3; ARISTÓTELES, *Pol.* I, 9, 1253a: '*hóti ánthropos physei politikón zôion*'. Sobre a condição de *convivialidade*, veja-se a análise fenomenológica estabelecida em M. HEIDEGGER, *Sein und Zeit*, §§ 29 e segs.; ainda M. MERLEAU-PONTY, *La prose du monde* Paris, Gallimard, 1969, pp. 182 e segs. *Vide* nossa reflexão: CARLOS H. DO C. SILVA, «As Culturas e a Fé Cristã», in: Vários Autores, *A Salvação em Jesus Cristo*, Lisboa, Rei dos Livros, 1993, pp. 87-109.

¹¹ Cf. *supra* n. 8.

¹² Discutimos algumas destas noções e sobretudo a pretensa *naturalidade* do carácter *gregário* do viver humano no debate da Antiguidade com a Modernidade urbana e da civilidade, por exemplo à luz da concepção do *Tratado teológico-político*

— a Cultura surge como um intermédio técnico e artístico, representativo e nocional, axiológico e prático, ainda ‘holístico’ ou simbólico, que exprime, integra, interrelaciona, valora e orienta justamente tais pólos de referência, tais planos de «realidade» envolvente¹³.

A estruturação das *dimensões essenciais da Cultura* advém, pois, de uma interrelação e economia definitória comparativa que permite apurar esses aspectos «categoriais», como sejam:

— o aspecto da ‘matéria’ ou de Natureza, achegado ao *corpo* às necessidades e expressões *técnicas* de uma base material da Cultura, dita, em geral, por **Civilização**¹⁴;

— o aspecto da ‘organização’ social que constitui o **Mundo**, na aceção fenomenológica e noético-noemática do *in der Welt sein*, de

de Espinoza, em CARLOS H. DO C. SILVA, «A Cidade — Máquina de fazer Felicidade, Meditação crítica (política?) sobre a ascensão e queda do ciclo da filosofia urbana», in: *Philosophica*, 4 (1994), pp. 7-46.

¹³ A propósito destas várias dimensões da Cultura quase se poderiam agrupar todas as principais teorias interpretativas da Cultura, desde as concepções tradicionais (da *paideia* da *translatio studii* da própria *Bildung* e moderna *Erziehung*...) às científicas (em particular da Etnologia, hoje dita Antropologia Cultural: p. ex. de MALINOWSKI, Claude LÉVI-STRAUSS, A. L. KROEBER...), passando pelas abordagens mais linguístico-lógicas e sobretudo filosóficas (p. ex., da Antropologia das Formas Simbólicas de ERNST CASSIRER, etc.), devendo ainda salientar-se as concepções metafísicas e axiológicas, bem assim a pertinência Teológica da problemática cultural (*vide supra* notas 9 e 10). Remete-se para nossos estudos: CARLOS H. DO C. SILVA, «O Homem em questão – Da *quieta* inquietude cultural à *inquieta* quietude espiritual», in: Vários Autores, *Inquietação humana e Fé cristã*, Lisboa, Rei dos Livros, 1996, pp. 179-207; ID., «Razão crítica e inteligência da Fé – O desafio religioso da cultura hodierna», in: *Cenáculo*, 36, n.º 142 (1996/97), pp. 27-66.

¹⁴ A destriça entre Cultura e Civilização fez história: Por um lado, pela valorização semântica distinta e etiologia também idiossincrásica (respectivamente ‘germânica’ e ‘francesa e mediterrânica’) na *absolutização* destes conceitos sobretudo desde a *Aufklärung*; por outro, pela tendência a uma complementaridade dos mesmos, embora sobrevalorizando-se a *Kultur*, como supra-estrutural, das expressões espirituais, da Arte, da Ciência, da Filosofia, da Religião..., em detrimento habitual da Técnica, da Indústria, do Comércio, da Agricultura, etc., ou das formas *materiais* e organizativas básicas da vida social. É ainda a lição de F. NIETZSCHE, em *Der Wille zur Macht*... Cf., entre outros, numa perspectiva assim axiológica EDUARDO ABRANCHES SOVERAL, «Notas para uma distinção entre Civilização e Cultura», in: *Rev. da Fac. de Letras do Porto Série de Filos.*, 3, 2.ª sér. (1986), pp. 1-7; cf. M. UNAMUNO, «La civilización es civismo», in: *Ensayos*, Madrid, Aguilar, 1958, t. II, pp. 438 e segs.; ver também a hermenêutica da noção de Cultura em LUÍS FILIPE BARRETO, *Caminhos do Saber no Renascimento Português – Estudos de História e Teoria da Cultura*, Lisboa, IN-CM, 1986, pp. 275 e segs.; ainda *vide supra* n. 1. No entanto como se verá neste levantamento teórico haverá razões para equacionar diferentemente este binómio conceptual.

uma «mundaneidade», como correlato da *alma* ou do psiquismo do sujeito humano¹⁵;

— o aspecto propriamente autónomo das representações, valores e ideias, etc., que formam a *Arte*, a *Moral*, a *Ciência*, a *Religião*..., ou seja a super-estrutura «ideológica» da **Cultura** (assim dita por autonomásia), interpelante da *mente* e das suas capacidades teóricas¹⁶;

— ainda, o aspecto simbólico que remete a Cultura para uma referenciação transcendente em termos de *Vida*, de *Ser*, de *Verdade*, *Bem*, *Beleza*, ou mesmo de '**Deus**', referível ao domínio do *espírito* e dos mais altos ideais¹⁷.

¹⁵ É o sentido habitual *fenomenológico* da *situação mundana*, tal se pode testemunhar em M. MERLEAU-PONTY, *Phénoménologie de la Perception*, Paris, Gallimard, 1945; ID., *La prose du monde*, ed. cit.; ainda no eco de E. HUSSERL, sobretudo em *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie* (1935-36), in: «Husserliana», t. VI, Hague, M. Nijhoff, 1954; cf. A. F. MORUJÃO, *Mundo e Intencionalidade – Ensaio sobre o conceito de Mundo na Fenomenologia de Husserl*, Coimbra, ed. Univ. Coimbra, 1961. Na revalorização deste horizonte do Mundo como âmbito integrativo da transcendência, forma de imanentização *cultural* da Vida e da História, cf. J. CERQUEIRA GONÇALVES, «Franciscanismo e Cultura», in: ID., *Humanismo Medieval*, Braga, Ed. Franc., 1971, pp. 161 e segs.; ainda ID., *Homem e Mundo em São Boaventura*, Lisboa, Ed. Franc., 1970. Em contraste a esta perspectiva de integração de 'Tudo' num 'Todo histórico', vide n. seguinte e nossas reflexões: CARLOS H. DO C. SILVA, «Natureza e Tempo – Em alternativa a uma Filosofia da História», in: *O Pensamento de Miguel Reale Actas do IV Colóquio Tobias Barreto*, Viana do Castelo, ed. Câmara Municipal, 1998, pp. 305-320.

¹⁶ Cf. *supra* n. 14 e vide posições dos Autores já citados, notas anteriores, e DELFIM SANTOS, «Cultura e História», in: *Obras Completas, III - Do Homem – Da Cultura*, Lisboa, Fund. C. Gulbenkian, 1987, pp. 343 e segs. Cf. ID., «Humanismo e Cultura», in: *Ibid.*, p. 341: «O fundamento de uma cultura terá sempre de ser prospectivo, e não apenas histórico, e a confusão que faz da história fundamento de cultura — ou seja o historicismo — é uma lamentável revelação de incultura. O fundamento de uma cultura, sendo absolutamente indispensável para lhe dar força, coesão e harmonia, não necessita de ser sempre o mesmo, como a perspectiva historicista pressupõe. A história regista os valores que informaram e conformaram cada época, mas não pode transpor nenhum deles para outra época, sob pena de perder toda a eficiência imediata e de cair no vício típico ao chamado «moralismo sociológico», ou conjunto de fórmulas sem conteúdo e ressonância humana.»

¹⁷ É toda uma *idealização* e *visão abrangente* e *escatológica* que encara a Cultura como suprema síntese espiritual, ao arripio da própria concepção mediativa e hegeliana da mesma... Aqueles *transcendentais* do Ser, que agora se pretendem ao nível do *estar*, da *posse* do *sentir* (do 'prazer') e até do *poder*, acabam, muitas vezes, por denunciar o 'pé-de-barro' desta emprestada *autonomia* e *heróica concepção* da Cultura. Cf. PIERRE BOURDIEU, *Méditations Pascaliennes*, Paris, Seuil, 1997, trad. port., Oeiras, Celta Ed., 1998, pp. 41 e segs.; ainda para a *semiótica* crítica da Cultura, vide: HUGH J. SILVERMAN (ed.), *Cultural Semiosis – Tracing the Signifier*, N.Y./London, Routledge, 1998.

Este último balizamento explícito, ou implícito, numa '*ontologia*' da Cultura, assim referida a tais dimensões transcendentais, manifesta a vocação última da Cultura quando assim encarada em absoluto, como um meio ou sucedâneo para uma realização significativa da *Unidade da Vida*, uma vocação de chamamento à plena 'humanidade' do **Homem**, ou até a algo de mais do que humano na sua íncita possibilidade¹⁸.

1.2. *Dimensões antropológicas essenciais da Cultura*

Entre o realismo e o idealismo, entre o materialismo e o espiritualismo, ou entre o tópico e o utópico, entre o sincrónico e o diacrónico..., articulam-se, já reflexivamente, as diversas leituras, explicações, interpretações, compreensões e intuitivas captações do que pareça ser, seja de facto, possa ser, tenha de ser, ou haja de ser a Cultura, já no iluminista registo da sua absolutização teórica e valor independente¹⁹.

Em todo o caso, mesmo já longe de uma «adjectiva» *cultura animi*..., em paralelo com uma *agri-cultura*, etc.²⁰, a entidade nocional da Cultura tomada como um absoluto em si mesmo aponta sempre para aquelas determinações limites do *natural*, do *social e mundano*, do *psíquico e mental*, até do *espiritual*, entrecruzando-as de uma forma orgânica e complexa que traduz, afinal, *uma ances-*

¹⁸ Neste sentido ontológico e *mediativo* a Cultura pode ser encarada num sentido essencial para o descobrimento do Homem e realização superior da Vida. Cf. SRI AUROBINDO, *The Human Cycle*, N.Y./London, Dutton & Co./Luzac, 1950; trad. franc., Paris, Buchet Chastel, 1973, p. 141: «être gouverné par la vérité et la beauté et par une volonté maîtresse d'elle-même, et non par notre mentalité inférieure ou ordinaire, telle est la vraie culture et commencement d'une humanité accomplie.»

¹⁹ Ter sempre presente as sínteses de G. GUSDORF, *Introd. aux sciences humaines*, ed. cit., pp. 249 e segs.: «Les systématisations du XVIII^e siècle. – Les philosophies de la culture»; e sobretudo ERNST CASSIRER, *Zur Logik der Kulturwissenschaften*, ed. N. Haven, Yale Univ. Pr.; H. MARCUSE, *One-Dimensional Man, Studies in the Ideology of Advanced Industrial Society*, Boston, Beacon Pr., 1964.

²⁰ Para a etimologia da palavra *cultura*, cf. A. ERNOUT e A. MEILLET, *Diction. étymol. de la langue latine Histoire des mots*, Paris, Klincksieck, 1967⁴, *sub nom.* pp. 132 e segs. De notar a importância da raiz indo-europeia **kwel-* com a acepção de «circular em torno de», «cuidar», movimento de *cultura* em redondo, segundo o movimento do arado, donde o gr. *pélomai poleío*... o andar à volta do «polo», etc. Desenvolvemos uma reflexão destes sentidos etimológicos e etiológicos da *cultura* em relação com o *culto* (o 'rito', a *liturgia*) em: CARLOS H. DO C. SILVA, «Liturgia e Cultura», in: *Ora et Labora*, XXVIII, 2-3, Abril-Set. (1982), pp. 126-156.

tral compreensão do humano e dos meios do seu possível desenvolvimento²¹.

Aquelas instâncias que, com a nomenclatura já proposta, ou noutra terminologia equivalentemente possível, ficaram equacionadas constituem, de facto, uma glosa ancestral das *dimensões do próprio humano*, no seu *trabalho e poder*, na sua *ousadia e seu 'querer'* (mais propriamente, ordem «emocional» e «desiderativa»), no seu *ver ou saber*, isto é, seu pensamento, e, no seu *amar, bem-querer*, ou seja, no seu espírito volitivo e criativo... — isto é, dimensões que se entrecruzam, ainda não na «enciclopédica» e anónima síntese (e Sistema!) da Cultura do Humanismo moderno, porém no símile universal, e rigorosamente individual, que é a Esfinge do humano e que a *cada homem* radicalmente interpela²².

Parece ser a partir deste 'auto-conhecimento', ainda que simbólica e historicamente precedente de uma consciência crítica, de um «período eixo» de reflexão e autognose já 'filosoficamente cultural'²³, que se estruturam os ingredientes fundamentais da Cultura como meios de *satisfação* (natural), de *adaptação* (ao mundo e à vida social), de *desenvolvimento* (prático e teórico), até de *transformação* (espiritual)²⁴. A partir do que o homem *pode*, embora não queira,

²¹ Vide supra n. 19 e vide infra n. seguinte.

²² Cf. PIERRE WEIL, *Esfinge: Estrutura e Mistério do Homem*, trad. do franc., Petrópolis, Ed. Vozes, 1972, pp. 25 e segs. O simbolismo dessas dimensões está ainda presente na *receptio* cristã na representação do Tetramorfo, dos quatro Evangelistas e da sua identificação alegórica pelos 'animais' desse simbolismo: o touro (Lucas), o leão (Marcos), a águia (João) e o homem ou o anjo (Mateus)... Cf. HEATHER CHILD e DOROTHY COLLES, *Christian Symbols Ancient and Modern*, London, Bell, 1971; L. CHARBONNEAU-LASSAY, *El Bestiario de Cristo*, trad. do franc., Barcelona, Sophia Perennis, t. I, pp. 378 e segs.

²³ Temos presente a tese de KARL JASPERS (em «Origem e meta da História») a propósito do *período axial* (c. 1000-500 a.C.) em que à mentalidade mítica e à Civilização dos Grandes Impérios (chinês, hindú, egípcio...) se sucede esse «momento eixo» de advento de uma consciência individual e de religiosidades também universalistas (com o Confucionismo e o Taoísmo na China; o Budismo e o Jainismo, na Índia; o Zoroastrismo, na Pérsia; o período dos Profetas, na Judeia; o advento pre-socrático, de Heraclito ou de Pitágoras, na Grécia...). A cultura, tal Filosofia, é assim um produto bastante tardio e recente (c. 2500 anos) comparada com a *civilização ancestral* de tais Impérios e sobretudo da tradição mítica antecedente... Cf. DEFORGE, *Le commencement est un dieu – Un itinéraire mythologique*, Paris, Belles Lettres, 1990, pp. 23 e segs.

²⁴ Importaria aqui sobrevalorizar o *pragmático* na dimensão essencial de *ajuste e utilidade*, não na dogmatização redutora do *pragmatismo* sofisticado e moderno (de Dewey, Peirce, Schiller...), mas, até na releitura valorativa dos Sofistas (como ensaiámos: CARLOS H. DO C. SILVA, art. «Sofistas», in: *Logos – Encicl. Luso-Brasil. de*

não saiba, etc.; a partir do que ele *queira*, mesmo que sem possibilidades, saber...; ou do que ele *saiba*..., do que ele *ame* e ao que se dê, em *criatividade*... — eis o que há-de determinar muitos nexos reais, antes das sínteses «sistêmicas», frequentemente especulativas ou ideológicas *sobre* a Cultura²⁵, o que, outrossim, em termos culturais deriva do *cultivo*, desse ontológico «cuidado» de uma *atenção* ao homem na sua pluridimensionalidade própria, qual «nó» (gr. *sphígx* e *desmós*...) de naturezas²⁶.

Então, não se discutirá em sucessivas «hermenêuticas» a Arte, a Moral, a Ciência, a Religião... como *significações* da Cultura, mas o que constituem «bases» mormente *civilizacionais*, do que é a realidade mediativa da Cultura. Ou seja, interessa determinar em termos *práticos* o que permite que o *Trabalho ou o Poder*, o *Dever ou o Querer*, o *Saber ou o Pensar* e o *Amor ou a Criatividade*, sejam instâncias satisfeitas. Não o «sistema» coerentemente unificado

Filosofia, IV, cols. 1233-1254) e, em particular, do *profundo acerto* de PROTÁGORAS DE ABDERA, Frag. 1: 'pánton khremáton métron estin ánthropos tón mèn ónton hos éstin tón dè ouk ónton hos ouk éstin.' (in: H. DIELS e W. KRANZ, *Die Fragmente der Vorsokratiker*, Dublin/Zürich, Weidmann, 1966¹², t. II, p. 263), quando não especula o significado da vida, mas sublinha a *co-mensuração* fundamental por *tudo quanto o homem faz*. Ainda no eco político e ético desta atitude, cf. JOHN DEWEY, *Freedom and Culture*, Buffalo/N.Y., Prometheus Books, reed. 1989, sobretudo pp. 82 e segs.

²⁵ Sempre a preocupação *especulativa* de um suposto «saber desinteressado» que julga que, por ter interpretado a Cultura, isso contribua para um seu desenvolvimento, uma real transformação... Quando, afinal, uma vez perdido o sapiencial sentido de uma metamorfose inteligível e experiencial (a *philo-sophía* como *terapia* da alma... (cf. ANDRÉ-JEAN VOELKE, *La philosophie comme thérapie de l'âme – Études de philosophie hellénistique*, Fribourg/Paris, Éd. Universitaires/Éd. du Cerf, 1993; PIERRE HADOT, *Qu'est-ce que la philosophie antique?*, Paris, Gallimard, 1995; CARLOS H. DO C. SILVA, «Do Amor da Sabedoria, Carácter estético do filosofar na Antiguidade Clássica», in: *Arquipélago* (Rev. Univ. dos Açores) *Sér. Filos.*, n.º 6 (1996), pp. 11-46.) o que resta é apenas o iterativo e infecundo círculo hermenêutico, comentarista (assim literário e moralista, que não científico, nem tecnológico...), de um *culturalismo* que acaba por se tomar como um «fim» em si mesmo. Cf. ERNST CASSIRER, *Philosophie des Symbolischen Formen*, Hamburg, 1924. Exemplos desta infecundidade de sucessivas *hermenêuticas* desde a esfera do *individual ao social*, etc., são os estudos de PAUL RICOEUR, *De l'interprétation – Essai sur Freud*, Paris, Seuil, 1965; EDGAR MORIN, *La méthode*, 3 vols., Paris, Seuil, 1977-80; etc.

²⁶ Cf. *supra* n. 22. A *esfinge* ou o «nó» da *complexidade* do humano, símbolo de toda a «quadratura» do real, ainda no sentido heideggeriano (cf. M. HEIDEGGER, «Das Ding», in: *Vorträge und Aufsätze*, Pfullingen, G. Neske, 1967³, p. 52: «*Erde und Himmel die Göttlichen und die Sterblichen...*»), retoma um indicativo de toda a *problemática* (cf. gr. *problēma*, «dificuldade», «obstáculo», como a *aporia*...) que está presente no sistema dos *nós* de Fou-Hi, na Antiga China, como no *método de deslaçar* as aporias em ARISTÓTELES, *Metaf. B*, I, 995a e segs.

mentalmente, num desvio predominante da cultura intelectualista e moderna, mas o «método» e, melhor, os «meios», a arte ou a técnica, de uma *realização* cultural assim atenta àquele conjunto de instâncias ou partes do humano²⁷.

E nem sequer se trata de «interpretar» tais instâncias numa *teoria* mais *expressiva, mecânica, orgânica, funcional* ou *estrutural* no seu conjunto, já que tal reflectiria ainda um ponto de vista forçosamente parcelar e dominante no encaramento do conjunto pluri-dimensional, fazendo-o derivar, ora mais das *dimensões do trabalho e da técnica, dos hábitos e do mecanicismo moral, axiológico*, ainda de um *funcionalismo pragmático da razão*, inclusivé de uma idealidade vital, etc., ou até de uma *estruturação espiritual*, qual instiuição, paradoxal, do próprio âmbito de liberdade, etc.²⁸.

Trata-se, então, de dever reconhecer os indicativos *semióticos*, a valência *heurística*, o carácter menos «semântico» e, outrossim, mais *pragmático*, em suma, o sentido *prático* e de *realização* efectiva que tais instâncias antropológicas e ontológicas da Cultura permitem na génese orientada das suas essenciais dimensões²⁹. O **Poder**, o **Ousar**, o **Saber** e o **Querer-Amar**, como simbólica 'métrica' da *Esfinge* do Humano, ainda na sua macro-micro-cósmica orienta-

²⁷ Cf. *supra* n. 22. Está suposta a *tripartição*, ou mesmo o *quadripartido*, do humano: corpo-sensibilidade, alma e espírito; ou, corpo, alma, mente e espírito, traduzível nas funções de sensibilidade, de vida emocional e afectiva, mental e intelectual e, enfim, volitiva ou espiritual... Cf. P. TILICH, «The Meaning of Health (1961)», in: *Hauptwerke*, II, ed. cit., p. 347: «When I spoke of dimensions of life, there was implied a rejection of the phrase «levels of life». (...) Man should not be considered as a composite of several levels, such as body, soul, spirit, but as a multidimensional unity.» (sublinhado nosso). Tem, por isso, de se ter presente, não o *homem unidimensional* (cf. *supra* n. 19), mas uma compreensão metafísica e espiritualista do humano, como se pode exemplificar em A. GARDEIL, *La Structure de l'Âme et l'Expérience Mystique*, Paris, J. Gabalda, 1927, 2 tomos. Sobre este tema cf. CARLOS H. DO C. SILVA, «A questão do sentido e o mistério do Homem - Da querela dos humanismos a uma antropologia sapiencial», in: Vários Autores, *Encontros Fé e Cultura I-II*, Coimbra, Centro Univ. Manuel da Nóbrega, 1983, pp. 96-146.

²⁸ Terão sido esses alguns dos pontos de vista redutores, de um materialismo, positivismo, fenomenismo, etc., mesmo quando aparentemente revalorizantes da Razão, do Espírito, dos Valores, etc. Correspondem ao que CHÖGYAM TRUNGPA, em *Cutting Through Spiritual Materialism*, Berkeley, Shambhala, 1973, pp. 13 e segs., designa exactamente por tal «materialismo espiritual». Cf. nossas reflexões: CARLOS H. DO C. SILVA, «Visão Cristã do Homem num ambiente cultural secularizante», I e II, in: *Communio*, III-4, Jul./Ag. (1986), pp. 292-322; ID., III-5, Set./Out. (1986), pp. 452-472.

²⁹ Cf. *supra* nn. 24 e 25. Cf. ainda: GARY TAYLOR, *Cultural Selection*, N.Y., Basic Books, 1996, pp. 199 e segs.

ção, e no seu concreto exercício interpelativo, suscita um constante, estável e sempre possível equacionamento das valências radicais da Cultura como tal.

1.3. *Intermédios e arquétipos civilizacionais da Cultura*

No entanto, no *passo* de confrontos externos, categoriais e até transcendentais da Cultura, por exemplo em relação à Natureza, ao âmbito espiritual, etc., para este âmbito mais a montante das estruturas antropológicas «esfíngicas», embora só tardia e simbolicamente formuladas, encontram-se justamente as *dimensões heurísticas* que fazem das origens da **Civilização e suas formas** mais ancestrais a *intermediação* da recente 'flor' cultural de uma mera *ordem de predominantes significações*...³⁰

Pode exemplificar-se este trânsito da Civilização à Cultura, e sobretudo tal *mediação* (verdadeira *Vermittlung*) do Homem (e sua Esfinge, seu nó a «desatar»...) à plena realização «cósmica» ou culturalmente *universal* do mesmo, se se atender às formas que, tal no mais Antigo Império da Civilização Chinesa, contribuem como «saberes ou técnicas» médias para tal objectivo integrador³¹.

Assim, a *sintomatologia* ligada com a Adivinhação, os sistemas de permutação e de sortes, ainda por sinais ou «nós», etc., como no *Yi King*, as *forças* referidas como «Física» das Virtudes ou Funções cósmicas, na dita *teoria dos 5 Elementos*, a *métrica temporal*, a saber, de toda uma «cronologia» do *Almanaque* e do registo das efemérides, a diagnose das configurações do «espaço» cósmico, numa *Astrologia* e saber dos nascimentos, etc., além das técnicas de *construção* ligadas à arquitectura, aos números, harmonias, etc. e das *formas de conhecimento médico*, ainda que por adivinhação mista e

³⁰ Ainda *vide* vários contributos em H. J. SILVERMAN, *Cultural Semiosis – Tracing the Signifier*, ed. cit. *supra.*; EDWARD T. HALL, *Beyond Culture*, ed. cit., pp. 141 e segs.: «Action Chains».

³¹ A escolha de uma Antiga Civilização não é arbitrária; está suposto um diverso ciclo de pensamento funcional ou orgânico, ainda anterior ao modo «mecânico» e artificial das representações mentais de um uso *lógico* e «racional» da inteligência. Cf. SCHWALLER DE LUBICZ, *Le Temple de l'Homme*, Paris, Dervy, 1957, t. I, pp. 44 e segs. Sobre a tradição chinesa *vide*: JACQUES GERNET, *Le monde chinois*, Paris, A. Colin, 1972; e sempre de referir: JOSEPH NEEDHAM, *Science and Civilisation in China*, Cambridge, Cambr. Univ. Pr., reed. 1978; *vide infra* n. seguinte.

terapêutica mágica, — equivalem a «estruturações» fundamentais de toda a civilização que se possa vir a constituir³².

De facto, seria impossível a organização do *comércio* sem aquele sentido de *jogo* e de «troca», ou «permutação», como também não seria pensável a estruturação da *indústria* e trabalho produtor, de todos os bens e artefactos, não fosse «saber-se» a arte de combinatoria e das *forças dos vários elementos*, como também à *agricultura*, ainda à *caça*, *pesca*, *pastorícia* e demais formas de organização dos recursos vitais não seria possível sem o *almanaque*, ou seja, o *conhecimento das épocas*, estações, momentos oportunos, etc.³³. Ainda, para a *organização social*, do parentesco favorável (evitando o incesto, outros «tabus»), numa palavra, da *família* e da legitimidade *sexual* e reprodutiva, seria necessário observar a ordem cósmica, das vidas, dos ciclos astrais, etc. na regularidade *astroológica*, e, enfim, no que concerne à saúde e aos cuidados físicos e terapêuticos exigia-se a *medicina*, que há-de, aliás, constituir o primeiro grande modelo de relacionamento analítico, de pre-lógica causal, ou até de esboço de uma «teoria mágica» de possibilidades práticas e transformadoras da vida³⁴. Por último o saber das *formas cons-*

³² Cf. FUNG YU-LAN, *A History of Chinese Philosophy*, vol. I – *The Period of the Philosophers (from the Beginnings to circa 100 B.C.)*, trad. do chinês, Princeton, Princeton Univ. Pr., 1952, pp. 26 e segs. São as artes de *adivinhação (shu shu)*, estudadas ainda a partir do *Yi King* por R. Wilhelm e, depois, inspiradoras de uma inovadora reflexão epistemológica (sobre a «sincronicidade»...) em C. G. Jung, bem assim o saliente valor das *permutações* até na ciência contemporânea (cf. F. Capra, Ken Wilber...), que constituem um *alternativo paradigma de inteligência* (também intuitiva) da realidade. Cf. nossa investigação neste domínio de uma diversa «arquetipologia» do saber: CARLOS H. DO C. SILVA, «Dos signos primitivos: Preliminares etiológicos para uma reflexão sobre a essência da linguagem», in: *Análise*, I, n.º 2, (1984), pp. 21-78; e II, n.º 1, (1985), pp. 189-275.

³³ Segundo o catálogo da biblioteca da dinastia imperial Han, o *Ch'ien Han Shu* (cit. *apud* FUNG YU-LAN, *ibid.*, p. 26) estas artes constituíam-se em seis classes: *astrologia*, *almanaque*, *teoria dos (cinco) elementos*, *adivinhação por permutações e outras formas de augúrios*, enfim, o *sistema das formas* (a 'arquitectónica')... Elenca-se, pois, as relações: entre o *Yi King*, ou «Livro das Permutações», e o sentido *lúdico-comercial* desde a estrutura do *do ut des* reconhecido pelos antropólogos nas primitivas sociedades (MARCEL MAUSS, *Essai sur le don. Forme et raison de l'échange dans les sociétés archaïques*, Paris, P.U.F., 1924¹; reed. 1980); entre os Cinco Elementos, ou Virtudes fundamentais, e a combinatoria do *engenho inventivo*, cf. MARCEL GRANET, *La pensée chinoise*, Paris, A. Michel, 1968, pp. 101 e segs.; entre a *ordem ritual e cerimonial* (cf. *I Li*), o «almanaque», e as efemérides dos diversos ciclos da vida... (v. n. seguinte)

³⁴ Ainda a relação entre: a determinação psicológica, a caracterologia dita pela *astrologia (t'ien wen)* e esse relacionamento de pessoas e acontecimentos

trutivas está na base de toda a arte, não apenas da «arquitectónica» material e plástica, fundamental no corpo da civilização, mas ainda da própria simbolização do 'pequeno' e do 'grande', do 'inferior' e do 'superior', etc., numa *hierarquia* que está a organizar a *ordem política*, hierática de todo o Império³⁵.

Afinal, já assim em esboço o que hão-de ser as exigências que na «República» platónica se formulam, quando se indicam as condições, então pedagógicas, de uma hierárquica estruturação social e política, também estético-gnosiológica e ético-ontológica³⁶. De facto, ao trabalho escravo e às formas de artesanato, comércio, indústria e labores agrícolas, de pastorícia, etc., à classe de organização social e política das normas e leis da cidade, bem assim às formas do seu superior entendimento e contemplação da ordem cósmica e integrativa global, correspondem aquelas determinações civilizacionais que se resumem ainda no sistema hindú das várias castas num conjunto fundamental de quatro fins (sânsr. *caturvarga*) da vida em geral³⁷.

Só se estará perante uma Civilização digna desse nome, quando se houverem satisfeito exigências básicas:

— do necessário «alimento» (*artha*), ou da base de subsistência como comer, beber, dormir...; habitação, vestuário, etc.; outras utilidades materiais;

(veja-se ainda reflexão paralela nas estruturas totémicas e outras do parentesco... cf. CLAUDE LÉVI-STRAUSS, *Les structures élémentaires de la parenté*, Paris, P.U.F., 1949); as formas de uma adivinhação *sintomatológica* ou das artes *médicas*. Cf. FUNG YU-LAN, *ibid.*, p. 27.

³⁵ O sistema das formas (*hsing*) ligado, quer com a tradicional geomância, e concepção energética do *cosmos* (cf. SIMON BROWN, *Principles of Feng Shui*, N.Y., Thorsons, 1996), quer com as estruturas construtivas, etc. (FUNG YU-LAN, *ibid.*, pp. 28-29). Veja-se, ainda, o análogo desta estruturação na *ordo política* (cf. nossa reflexão: CARLOS H. DO C. SILVA, «Cidade superficial e incorporação essencial – Reflexão crítica sobre o espaço do habitar», in: *Cadernos ESAP*, 1 (1997), pp. 107-114) e no paradigma hierárquico global, também atestado noutras civilizações: LOUIS DUMONT, *Homo hierarchicus – Le système des castes et ses implications*, Paris, Gallimard, 1966, pp. 91 e segs.

³⁶ Cf. PLATÃO, *Rep.*, III, 414b e segs. Cf. entre outros, JOSEPH MOREAU, *Le sens du platonisme*, Paris, Belles Lettres, 1967, pp. 49 e segs.

³⁷ Cf., entre outras exposições de síntese, MADELEINE BIARDEAU, *L'hindouisme – Anthropologie d'une civilisation*, Paris, Flammarion, reed. 1995, pp. 69 e segs.: «Les quatre buts de l'homme»; também elencados como os «três fins» (*trivarga*) da vida, acima dos quais surge *moksa* ou «libertação»: vide também: LOUIS RENOU e JEAN FILLIOZAT, *L'Inde classique – Manuel des études indiennes*, Paris, Maisonneuve, 1985, § 1150, pp. 559 e segs.

— do complementar prazer e ordem do desejo (*kama*), ou das formas de arte, música, dança, etc.; da ludicidade e dos divertimentos e festas; em suma, da vida das emoções, do gozo e alegria, etc.;

— da suficiente ordem, ou justiça (*dharma*), na organização institucional, nas formas legais e normativas; nos imperativos éticos e nos costumes da moral; e,

— da possível libertação (*moksa*), ou religiosa «salvação», nas escolas da Tradição sapiencial e simbólica; nos ensinamentos ascético-místicos e caminhos espirituais; nas liturgias e práticas espirituais...³⁸.

De facto, sem o *necessário* «alimento» — (embora não suficiente, posto que «nem só de pão viva o homem...»), sem o *útil* (e agradável) do mundo do «prazer», e sem a suficiente «justiça» (que não é muitas vezes «necessária», mas sentida na sua mesma relatividade, como uma mais ajustada *moral provisória*³⁹), não tem sentido propor-se uma «religião» (ou uma espécie de Cultura parcelar, por espiritual ou até verdadeira que seja, porém não assim eficaz)⁴⁰. Sem «pão para a boca», sem uma certa educação estética

³⁸ *Artha*, o que é *útil*; *kama*, o que é *agradável* (sensorialmente); *dharma*, o que é *bom* (moralmente); e, enfim, *moksa*, a *libertação* (ou «salvação» religiosa)... Cf. L. RENOU e J. FILLIOZAT, *ibid.*, p. 560. A hierarquização destes «fins» foi debatida, mas não há dúvida que os três primeiros constituíram a *smriti*, a «memória» ou *tradição*, que complementa a *sruti*, «escuta» ou revelação. Como se a base desta 'cultura' fosse esta *memória concreta*, este pragmatismo vivido, que não apenas um lastro mental ou de representações mentais (*Vorstellung*) da realidade. Cf. CARL-A. KELLER, «Le rôle de la mémoire dans les traditions mystiques de l'Inde», in: PHILIPPE BORGEAUD, *La mémoire des religions*, Genève, Labor et Fides, 1988, pp. 115-134.

³⁹ Como teve «razão» R. DESCARTES, *Discours de la méthode*, III (A.T., t. VI, pp. 23 e segs.) ao perceber a «impossibilidade» (e quiçá a inutilidade de uma Ética universal), devendo ater-se a uma *moral provisória*... Aliás, ao contrário de certa pretensão kantiana e pós-kantiana, iluminista, de uma Ética universalmente válida, hoje persistente no domínio jurídico e de 'declarações universais' de Direitos, etc., sempre defendemos o primado humilde, regional, adaptado, menos teórico, mas sobretudo de eficácia *prática* das morais. É nessa adaptabilidade, aparentemente empírica e relativista, porém *gradual e pedagógica*, que se encontra a *consciência moral* objectivamente profunda e estruturante do humano viver. Cf. CARLOS H. DO C. SILVA, «Nota breve sobre o equacionamento da relação entre ética e cultura perante a mensagem cristã», in: *Reflexão Cristã*, Bol. do C.R.C., Ano IV, n.º 32, Junho-Out. (1982), pp. 50-71.

⁴⁰ Historicamente houve esta inteligência *encarnacional* no Cristianismo, ao ter assumido as bases da Cultura clássica («o vinho Novo em odres velhos...») e sobretudo se ter fundado na Civilização romana... O problema desta *aculturação* é hoje retomado mesmo na reflexão sobre a *razão* da Fé: cf. *Fides et Ratio*, Carta

e desenvolvimento requintado (prazenteiro) da sensibilidade e das emoções, sem, enfim, um cultivo da equanimidade, da prudência moral e intelectual, não haverá as «virtudes» básicas para a culminância de um ensinamento religioso que se pretenda integrar na economia global do duradouro sistema civilizacional⁴¹.

2. Fenomenologia conceptual da cultura

2.1. *Categorias básicas expressivas da Cultura*

O interrelacionamento daquelas **quatro bases**, dir-se-ia da primária 'quadratura do círculo' da Vida, destes 'quatro pilares' da erecção do Templo simbólico, ou desta 'Cruz' da humana encruzilhada do pensamento, ainda da intersecção central do «cubo» da realidade, da «coisa», no poético dizer «do que fica entre Céu e Terra, Imortais e Mortais...», — cifra-se no *quaternário* básico do próprio Homem naquela sua *esfíngica expressão* metamórfica e em ordem a uma ainda significativa culminância na tríade arquetípica e formativa do número simbólico da plenitude, ou septenária completude do «cosmos» humano⁴².

Encíclica, §§ 70 e segs. (ed. Lisboa, Ed. Paulinas, 1998, pp. 93 e segs.) Vejam-se, ainda, algumas reflexões recentes: ARJUN APPADURAI, «Disjuncture and Difference in the Global Cultural Economy», in: SIMON DURING (ed.), *The Cultural Studies Reader*, London/N.Y., 1993 e reed., pp. 220-231; BELL HOOKS, «A Revolution of Values: The Promise of Multicultural Change», in: *Ibid.*, pp. 233-240; CORNEL WEST, «The New Cultural Politics of Difference», in: *Ibid.*, pp. 256-270.

⁴¹ Supõe-se um sentido orgânico e integrado das diferentes dimensões do humano na *complexidade* da actual situação: cf. JOËL DE ROSNAY, *L'homme symbiotique, Regards sur le troisième millénaire*, Paris, Seuil, 1995; ainda ANDRÉ COMTE-SPONVILLE e LUC FERRY, *La sagesse des modernes – Dix questions pour notre temps*, Paris, Robert Laffont, 1998, pp. 505 e segs. Ter também presente as diversas reflexões de Edgar Morin, Ernest Gellner, etc., numa linha de pensamento integradora da *complexidade* e *pluridimensionalidade* do novo paradigma da realidade, cf. nosso estudo: CARLOS H. DO C. SILVA, «Transdisciplinarité et mutation de conscience» (1.º Congr. Intern. de Transdisciplinaridade, Arrábida, Nov. 1994), in: Vários Autores, *Transdisciplinarité/Transdisciplinarité*, Lisboa, Huguin, 1999.

⁴² Cf. M. HEIDEGGER, «Das Ding», in: ed. cit., pp. 51 e segs. A tradição do *septenário* é de bíblico conhecimento e funde-se com a tradição pitagórica clássica, como referimos a propósito de Escoto Eriúgena (CARLOS H. DO C. SILVA, «O pensamento da diferença no *De divisione naturae* de Escoto Eriúgena», in: *Didaskalia*, III, 2 (1973), pp. 247-304), ainda da Alta Idade Média, em Santo Isidoro de Sevilha, Rabano Mauro, Beda... Sobre o simbolismo global do Templo, como *modelo urbano* de realização da civilização ou da Cultura, cf. nosso estudo: CARLOS H. DO C. SILVA,

No entanto, e aparte este simbolismo numerológico e paradigmaticamente estruturante das dimensões da Civilização e da Cultura, do 'Corpo', 'Alma', 'Mente' e 'Espírito', com as três facetas deste último (qual ternário da *Mens* ao modo, por exemplo, agostiniano...⁴³), — em exegese metafórica tão atestada ainda em antigas classificações dos saberes e técnicas, como sejam o *quadrivium* e o *trivium* no começo da Alta Idade Média, etc., - o que importa sublinhar é o irredutível de cada um daqueles básicos ângulos de formação da própria Cultura⁴⁴.

Refere-se:

— a «arte» *moral*, ou *habitual*, ligada com o «corpo» (e do que «se faz», ordem do «labor»...) e os **aspectos técnicos** (da Cultura) de assegurar a subsistência, etc. (arte culinária, também agrícola, e de caça, pesca, etc.; ainda de técnicas de vestuário, de habitação, locomoção, sexo, etc.; bem assim o artesanato e as formas médicas e terapêuticas, as posturas, as atitudes sexuais, etc.)⁴⁵;

— a «moral» *artística e estética* ligada com a «alma» (e o domínio dos sentidos, do que «se sente»), as artes e as **configurações emocionais**, a pintura e a modelagem, a palavra e a literatura, o jogo, o teatro e os divertimentos, a música e a dança, etc.; as dimensões do trabalho e do ócio, da comunicação e da expressão mais solitária, da ludicidade, do tédio e da ironia, etc.⁴⁶;

«Da Utopia mental à diferenciação do Imaginário urbano, ou da Cidade do Futuro numa leitura filosófica», in: *Rev. «Povos e Culturas»*, 2 (1987), pp. 607-672.

⁴³ Cf. *supra* SANTO AGOSTINHO, *De doctr. christ.*, II, 38, 56 e segs.; *Id.*, *De Trinit.*, IV, 4, 7...; A. GARDEIL, cit. n. 27.

⁴⁴ Cf., entre outros, ERNST CURTIUS, *Europäische Literatur und lateinisches Mittelalter*, Bern, Franke V., 1948, I, 2, pp. 62 e segs.

⁴⁵ Se a revalorização do *corpo*, da *sexualidade* (cf. M. FOUCAULT, *Histoire de la sexualité*, 3 tomos, Paris, Gallimard, 1994...; etc.) e da *corporalidade*, poderiam parecer aspectos relevantes do hodierno *humanismo do Homem* (cf., desde o existencialismo e da fenomenologia existencial, até autores como EDMOND BARBOTIN, *L'humanité de l'homme, Étude de philosophie concrète*, Paris, Aubier, 1970), no entanto a persistência de um plano *hermenêutico* frustra uma outra abordagem que aqui pretendemos assinalar. Trata-se mais de uma descoberta *técnica, artística*... se se pretender *mimética e até gestual*, numa diversa semiótica intelectual: cf. nossa reflexão, CARLOS H. DO C. SILVA, «Dos signos primitivos...», *supracit.*, e, veja-se, entre outros: MARCEL JOUSSE, *Anthropologie du geste*, Paris, Gallimard, 1974; *Id.*, t. II: *La Manducation de la Parole*, Paris Gallimard, 1975; e t. III: *Le Parlant, la Parole et le Souffle*, Paris, Gallimard, 1978; e, GÉRARD GENETTE, *Mimologiques*, Paris, Seuil, 1976.

⁴⁶ Neste plano não deixa de ser importante a hipótese de uma *historicidade das emoções* e, por conseguinte, de terem existido outras emoções hoje perdidas, ou poderem vir a existir outras ainda não conhecidas... Cf. SUSAN LANGER, *Mind, An Essay on Human Feeling*, 2 vols., Baltimore/London, John Hopkins Pr., 1970-1972.

— a «ciência» *espiritual* (mais propriamente *intelectual*) ligada com a «mente» e a estruturação (intelectiva) das diferentes categorias do esfíngico no Homem; as **formas mentais**, desde a organização económica e financeira, industrial e de trabalho, do comércio e dos serviços, da jurisprudência e da administração pública, da política e ordenação do Estado, até às estruturas pedagógicas e ideológicas, simbólicas e axiológicas, etc.⁴⁷;

— o «espírito» (melhor: o «intelecto») *científico* ou *praxiológico*, relacionando as formas práticas e habituais de organização, social e familiar, jurídicas e política, ética e religiosa, desde os regimes tradicionais normativos e de memória, às formas utópicas e teleológicas de valores últimos, passando pela seriação de ritos e leis, estruturas éticas de parentesco e condutas sociais e ortodoxias de crenças e concepções morais da vida, etc.; no que seriam as **condutas práticas**⁴⁸; e, enfim, e como síntese integradora:

— o plano «teorético», de uma mesma **visão «sinóptica»** (*theoría*) e holística de tudo isto, compreendendo que a vida cultural implica um espírito que se relaciona com o *espaço* em redor e dimensionável pela experiência do corpo, do território, da etiologia desse «habitar», *raça*, linhagem...⁴⁹; com a *natureza* e a envolvimento afectiva, emocional, sexual...; com a relação de ordem ou de *número e graduação*, definível ainda pela ordem dos saberes, da

⁴⁷ Nesta ordem tem particular relevância a *organicidade destas formas inteligíveis*, menos determinadas por uma «lógica formal» aristotélica, do que pela «lógica do vivente» (Goethe), ainda do *evolucionismo* à maneira como H. BERGSON, (em *Les deux sources de la morale et de la religion*, Paris, 1932; reed. in: éd. du Centen., Paris, P.U.F., 1963², pp. 979-1247) soube também interpretar o 'criacionismo' do mundo das acções humanas; e até das «formas simbólicas» na síntese de ERNST CASSIRER, *Philosophie der Symbolischen Formen*, Hamburg, 1924, e reed. Cf. MICHEL DE FOUCAULT, *Les Mots et les choses, Une archéologie des sciences humaines*, Paris, Gallimard, 1966.

⁴⁸ Cf. HANNAH ARENDT, *The Human Condition*, Chicago/London, Univ. of Chicago Pr., 1958; e de lembrar as posições do Humanismo desde Cassirer e Heidegger, até JACQUES MARITAIN, *Humanisme intégral* (1934), in: *Oeuvres Complètes*, Paris, Cerf/Éd. Fribourg; ROGER GARAUDY, *Perspectives de l'Homme*, Paris, P.U.F., 1969; ÉMANUEL LÉVINAS, *Humanisme de l'autre homme*, Montpellier, Fata Morgana, 1972; etc.

⁴⁹ Não é apenas o quadro que EDGAR MORIN reflecte em *Le paradigme perdu – La nature humaine*, Paris, Seuil, 1973; cf. ALMERINDO LESSA (org.), *Leituras do Homem*, Lisboa, ed. Internacional, 1998; mas a preocupação com a base étnica e de geografia humana de «encarnação» da Cultura: Cf., entre outros, CLAUDE LÉVI-STRAUSS, *Race et Histoire*, Paris, UNESCO, 1952; Id., *Le regard éloigné*, Paris, Plon, 1983; R. A. e P. J. WATSON, *Man and nature: an anthropological essay in human ecology*, N.Y., Harcourt, Brace and World, 1969.

quantidade, qualidade, gênero, etc.; com o *tempo*, no dinamismo biológico e ético das *idades*, da história, do perene, repetível, até julgado «eterno»...; e, enfim, da «*fésta*» (como entrecruzamento «forte» do espaço-‘lugar mítico’ e tempo-‘duração mítica’) como indicativo extremo de *separação* (*sacer* e *profanus*...) e *transcendência* (um «Englobante»...), da dor e do amor, do limite e do ilimitado, qual vida e morte em sua mais plena simbólica síntese (tal *éros* - *thánatos*...) ⁵⁰.

Esta consciência global, «holística», preferentemente *religiosa* como a própria etiologia do *holós* (*Heilige, holy* do gr. *holós*, «todo», «pleno»...) inculca, ainda no sentido de *pân* (algo que é pleno, suscita o medo «pânico», ou de Pan, isto é, ainda o «temor reverencial» perante o *mysterium tremendum et fascinans*...) ⁵¹, e que alguns defenderam como compreensão preferencialmente *religiosa* da cultura, de cada uma das suas configurações históricas, — é também uma consciência filosófica, fenomenológica e teórica, assim, da cultura, exigindo-lhe um reconhecimento objectivo e uma articulação global de todas aquelas suas características.

2.2. *Definição e explicitação fenomenológica do fenómeno cultural*

Ensaie-se, então, um mais analítico propósito definitório da Cultura:

A **Cultura** pode definir-se como o conjunto integrado de *dimensões de vivências corpóreas* e de aspectos técnicos das mesmas, de *configurações artísticas*, habituais e moralizadas de atitudes emocionais e desiderativas, de *formas mentais* de organização dos saberes e ciências segundo conceitos e símbolos, de *condutas práticas*, ou axiológicas e políticas, bem assim de *procura de orientação*

⁵⁰ Para um conspecto daquela estruturação da *mundividência mítica* cf. G. GUSDORF, *Mythe et métaphysique*, Paris, Flammarion, 1953, pp. 19 e segs.; lembre-se no referente às outras «categorias» da cultura: CLAUDE LÉVI-STRAUSS, *La pensée sauvage*, Paris, Plon, 1962; ainda SONU SHAMDASANI e MICHAEL MÜNCHOW (eds.), *Speculations after Freud, Psychoanalysis, philosophy and culture*, London/N.Y., Routledge, 1994.

⁵¹ Cf. RUDOLPH OTTO, *Das Heilige, Über das Irrationale in der Idee des Göttlichen und sein Verhältnis zum Rationalen*, Gotha, Klotz, 1929; ainda R. GIRARD, *La violence et le sacré*, Paris, Grasset, 1972; tendo presente estudos como os de ERICH NEUMANN, *Ursprungsgechichte des Bewusstseins*, Zürich, Rascher V., 1949; e *vide* SONU SHAMDASANI e MICHAEL MÜNCHOW (eds.), *Speculations after Freud, Psychoanalysis, philosophy and culture*, London/N.Y., Routledge, 1994.

ou fins últimos numa ordem ética e religiosa, ou mesmo de ordem iniciática e mística.

Assim, do mítico ao místico, passando pelo técnico e artístico, o corpóreo e sexual, o rático e social, o moral e ético-político, o religioso e o axiológico e utópico, etc. - eis a paleta integrativa de todo o espectro daquelas componentes e momentos característicos da plena manifestação do homem, ainda como «sujeito» de cultura⁵². A representação objectiva da Cultura equivale, pois, a uma visão ampla e espraiada da Vida, ou mais propriamente a uma *Weltanschauung*, ou «visão do Mundo», *mundividência*⁵³.

Estão, assim, delineados os âmbitos específicos da Cultura como formas já de si perspectivas de tal «olhar», — longínquo, é certo, da ordem mais «encarnacional» e fáctica das práticas civilizacionais, que, de origem, ecoavam mais realisticamente as dimensões arquetípicas e básicas do Homem, das suas fundamentais exigências (de alimentação, prazer, etc., como se disse) e do que, mesmo culturalmente, sempre deveria ser *adjectivo*. Pois, a cultura seria esse *cuidado do e para o Homem*, que não, naquele já quase-«hipnótico» olhar moderno e absolutizante da Cultura (*die Kultur...*), o homem para tal, subordinado à Cultura, servo ou apenas meramente «culto» (cultivado, «intelectual», «filisteu» como já alguém ironizou...)⁵⁴.

Ao contrário, pois, de uma certa hodierna tendência reflexiva que mantém o contraponto entre *Civilização* e *Cultura*, preferindo esta última como **ordem ideal**, não só contrastante com a definição material e básica daquela, mas superior ainda por nela se pretender representar a síntese da *História* e do humano, importa sublinhar o carácter fundamental das **bases materiais** de uma Cultura, exacta-

⁵² Cf., entre outros, MAX SCHELER, *Vom Ewigen im Menschen* (1921), in: *Gesam. Werke*, vol. V; ERNST CASSIRER, *An Essay on Man. An Introduction to a Philosophy of Human Culture*, New Haven, 1944; C. G. JUNG, M.-L. VON FRANZ e JOSEPH L. HENDERSON (eds.), *Man and his Symbols*, London, Pan Books, 1964; CLAUDE LÉVI-STRAUSS, *Anthropologie structurale*, I e II, Paris, Plon, 1958 e 1973...

⁵³ Cf. *supra* n. 15 e *vide* W. DILTHEY, *Weltanschauungs Lehre – Das geschichtliche Bewusstsein und die Weltanschauungen; Die Typen der Weltanschauungen und ihre Ausbildung der metaphysischen Systemen*, in: *Gesammelte Schriften*; G. DURAND, *Les structures anthropologiques de l'imaginaire*, Paris, P.U.F., reed. 1969; R. WILLIAMS, *Culture and Society*, Harmondsworth, Penguin, 1958...

⁵⁴ Cf. SRI AUROBINDO, *The Human Cycle*, ed. cit., p. 131: «En fait, le philistin est le barbare moderne civilisé. Par son attachement inintelligent à la vie du corps, à la vie des impulsions et des besoins vitaux et à l'idéal purement domestique et économique de l'animal humain, il est souvent le barbare physique et vital à demi civilisé; mais essentiellement et généralement, il est le barbare mental, l'homme moyen qui vit dans les sensations, ou homme «sensationnel».

mente nas **dimensões civilizacionais**⁵⁵. Não porque se pretenda defender ainda e já ideologicamente uma tese materialista, dialéctica, etc., mas por se reconhecer originariamente que na base, por exemplo da *Arte*, está a *técnica* ou a linguagem, na base do *Mito*, o *rito*, etc.

Por isso, importa, não apenas manter a distinção entre a Cultura e a Civilização, mas diagnosticar nesta última *os traços e as variantes de um conjunto de categorias práticas* reveladoras das **clivagens essenciais** do 'epi-fenómeno' cultural.

Vejamus:

Em primeiro lugar, o **corpo**-extensão-'proxémia territorial'⁵⁶, manifesto em:

- «*sangue*» ou linhagem e **raça**⁵⁷;
- «*género*» ou qualidade e **sexo**⁵⁸;
- «*ciclo*» ou geração e **idade**⁵⁹;

⁵⁵ Cf. *supra* n. 14 e *infra* n. 57.

⁵⁶ Âmbito categorial determinado pela 'espacialidade' relacional, o *lugar* civilizacional da Cultura. E, o que era o claro *território*, torna-se hoje, mercê da civilização 'tecno-trónica' (como diz A. TOFFLER, *The Third Wave*), um espaço de outras dimensionalidades... Cf., entre outros, EDWARD HALL, *The Hidden Dimension*, 1966, trad. port., Lisboa, Relógio d'Água, 1986.

⁵⁷ Cf. *supra* n. 14. Muitos dos estudos sociológicos de PIERRE BOURDIEU, *La distinction...* (Paris, Minuit, 1979); *La noblesse d'État...* (Paris, Minuit, 1989); *O poder simbólico*, trad. (Lisboa Difel, 1989), etc.; bem assim as perspectivas da Etologia e de um neo-naturalismo na perspectivização da cultura humana (ETHEL EIBESFELDT, *Éthologie: biologie du comportement*, Paris, Éd. Scientifiques, 1977; A. JAQUARD, *Éloge de la différence. La génétique et les hommes*, Paris, Seuil, 1978; F. JACOB, *La logique du vivant. Une histoire de l'hérédité*, Paris, Gallimard, 1970, ...; ainda de BOURGUIGNON, *Histoire naturelle de l'homme*: t. 1 – *L'homme imprévu*, Paris, P.U.F., 1989; t. 2 – *L'homme fou*, Paris, P.U.F., 1994) apontam para esta matriz *corpórea* e incarnacional-animal ou de 'sangue' que pretende indicar uma base de referenciação civilizacional.

⁵⁸ A historiografia, sobretudo no sentido da micro-história, da vida privada, etc. remete para esta dimensão dos *géneros de vida* (*Lebenswelt* ainda da fenomenologia e da filosofia analítica...) Assim, estudos como os de PHILIPPE ARIÈS e GEORGES DUBY, *História da Vida Privada...* e, por exemplo, THEODORE ZELDIN, *An Intimate History of Humanity*, N.Y, Harper, 1994, constituem contributos reveladores até da importância actualmente dada ao *feminino*, aos modos do *quotidiano* e até do *efémero* na pós-modernidade (v. LIPOVETSKY, *L'ère du vide...*; *La troisième femme, Permanence et révolution du féminin*, Paris, Gallimard, 1997; etc.).

⁵⁹ Esta instância, não só está atestada no histórico *conflito geracional*, mas é hoje particularmente estudado nos *ritmos* de uma «cronobiologia» mais profunda e até ancestral... Cf., entre outros, EDWARD HALL, *The Dance of Life*, N.Y., Doubleday, 1983; e vide GABRIEL FAUBERT e PIERRE CRÉPON, *La chronobiologie chinoise*, Paris, Albin Michel, 1983. Ainda de remeter para RUDOLF WENDORFF, *Zeit und Kultur*, Opladen, Westdeutscher V., 1985.

- «força» ou vitalidade e **saúde**⁶⁰; e, enfim,
- «sofrimento» ou pena e **morte**⁶¹.

Em segundo lugar, a *alma*-psiquismo-‘objectivação de interesses’⁶², prazeres, jogos, artes..., manifestando-se em:

- «atitude» ou con-tensão e **guerra**⁶³;
- «gesto» ou fruição e **prazer**⁶⁴;
- «símbolo» ou comunicação e **arte**⁶⁵;

⁶⁰ A base de uma civilização não pode esquecer uma certa *força vital* (como pensou Nietzsche...), ou uma ‘heroicidade’ (como requer F. FUKUYAMA, *The End of History and the Last Man*, N.Y., Macmillan, 1992, a propósito do *homem ‘thýmico’...*); e ainda uma *saúde básica*: Vários Autores, *Histoire culturelle de la maladie*, Paris, Privat, 1980.

⁶¹ A questão dos limites do humano, não tanto no *Sein zum Tode* (nesse «ser para a morte»), da finitude existencial (Heidegger, Sartre...), mas na consciência civilizacional das atitudes *perante* a morte, ainda perante o sofrimento e a economia de sacrifício e expiação (que até pode ser libertadora dos «medos» da morte... (cf. P. RICCEUR, *Le mythe de la peine*; Paris, Aubier, 1967; M. FOUCAULT, *Surveiller et punir*, Paris, Gallimard, 1975; R. GIRARD, *La violence et le sacré*, Paris, Grasset, 1972...). Cf. os estudos de PHILIPPE ARIÈS, *L’Homme devant la mort*, Paris, Seuil, 1977; E. MORIN, *L’homme et la mort*, Paris, Seuil, 1970; e, entre nós, MÁRIO MARTINS, *Introdução histórica à vidência do tempo e da morte*, Braga, Livr. Cruz, 1969. Vide ainda: L.-V. THOMAS, *Anthropologie de la mort*, Paris, Payot, 1975.

⁶² Grande parte da comum *vida ‘civilizada’* se deixa caracterizar sobretudo a este nível, não tanto *físico*, mas psicológico e de interesses, revelados na *convivialidade*, na polaridade emocional (repulsa e atracção; morte e prazer, etc.), bem assim nas estruturas políticas, sociais e familiares, ou outras, que lhe dão consistência. Para uma reflexão sobre esta *ordem comunicacional* e de *interesse*, vejamos as obras de JÜRGEN HABERMAS, *Erkenntnis und Interesse*, Frankfurt, Suhrkamp V., 1968; ID., *Theorie des Kommunikativen Handelns*, I e II, Frankfurt, Suhrkamp V., 1981; ainda: *Die Philosophische Diskurs der Moderne*, Frankfurt, Suhrkamp V., 1985.

⁶³ A civilização não está ligada essencialmente à paz, mas envolve *formas polémicas* a vários níveis, inclusive como também uma *civilização de guerra*, como tem sido historicamente atestado. Apesar de haver fundamentos biológicos da agressividade (cf. KONRAD LORENTZ, *Das Sogenannte Böse. Zur Naturgeschichte der Aggression*, Borotha-Schoeler V., 1963; etc.) ainda psico-sociais (cf. n. seguinte), a própria *arte da guerra* constitui um elemento do ideário civilizacional.

⁶⁴ Cf. M. FOUCAULT, *Histoire de la sexualité*, Paris, Gallimard, 1976; ainda D. DE ROUGEMONT, *L’amour et l’Occident*, Paris, Plon, 1972... E vide GÉZA RÓHEIM, *The Origin and Function of Culture*, N.Y., Nervous and Mental Diseases Monographs, 1943; SONU SHAMDASANI e MICHAEL MÜNCHOW (eds.), *Speculations after Freud, Psychoanalysis, philosophy and culture*, ed. cit.. Claro que o que aqui se deixa apenas sinteticamente referir, poderia ser alargado aos âmbitos dos *estilos e maneiras de sentir*, desde o *erotismo*, ao *humor*, à *ironia* (Jankélévitch...), às condutas perante a *infância*, a *loucura*, etc. Cf. ainda D. HEBDIGE, *Subculture: The Meaning of Style*, London, Methuen, 1979; MICHEL DE CERTEAU, *L’invention du quotidien*, Paris, Gallimard, 1990...

⁶⁵ A dimensão simbólica e comunicativa é particularmente relevante nas modernas sociedades: desde a *semiótica* e das *semiologias* às *formas linguísticas*

- «trabalho» ou sociedade e **família** ⁶⁶;
- «ócio» ou contemplação e **jogo** ⁶⁷.

Em terceiro, a **mente**- ordem de significações e valências normativas ⁶⁸, saberes e ciências, teóricas e práticas..., em:

- «representação» ou conhecimento e **mito** ⁶⁹;
- «sensação» ou informação e **crença** ⁷⁰;

(*escritas, orais, gestuais, etc.*)..., o que está em causa são ainda as bases técnicas da arte e dessa convivialidade. Cf. C. K. OGDEN e I. A. RICHARDS, *The Meaning of Meaning, A Study of the Influence of Language upon Thought and of the Science of Symbolism*, London, Routledge, reed. 1972; RENÉ ALLEAU, *La Science des symboles. Contribution à l'étude des principes et des méthodes de la symbolique générale*, Paris, Payot, 1977; M. FOUCAULT, *Les mots et les choses*, ed. cit.; DAN SPERBER, *La contagion des idées: Théorie naturaliste de la culture*, Paris, Odile Jacob, 1996.

⁶⁶ Cf. M. SAHLINS, *Au cœur des sociétés – Raison utilitaire et raison culturelle*, Paris, Gallimard, 1980; sobretudo de ter em conta os problemas levantados com o pós-industrial, a massificação e crise das instituições sociais, bem assim dos novos meios de convivialidade: E. MORIN, *L'esprit du temps. Essai sur la culture de masse*, Paris, 1962; A. TOURAINE, *La société post-industrielle*, Paris, 1969; D. BELL, *The Coming of Post-Industrial Society: A Venture in Social Forecasting*, N.Y., Basic B, 1973; C. CASTORIADIS, *L'institution imaginaire de la société*, Paris, Seuil, 1975; I. ILLICH, *Tools for Conviviality*, London, Fontana, 1975.

⁶⁷ A ludicidade da recente 'sociedade espetáculo' (GUY DEBORD, *La société du spectacle*, Paris, 1967), mas ainda a categoria do *jogo* como uma chave hermenêutica fundamental para todo este âmbito psico-mental da convivência humana. Cf. JOSEPH HUIZINGA, *Homo ludens, Essai sur la fonction sociale du jeu*, Paris, Gallimard, 1951; ROGER CAILLOIS, *Les Jeux et les Hommes. Le masque et le vertige*, Paris, Gallimard, 1958; EUGEN FINK, *Spiel als Weltsymbol*, Stuttgart, Kohlhammer, 1960; KOSTAS AXELOS, *Le Jeu du monde*, Paris, Minuit, 1969. Sobre o ócio, o lazer na dita «civilização do ócio»: vide J. DUMAZEDIER, *Vers une civilisation de loisir?*, Paris, Seuil, 1972; ID., *Révolution culturelle du temps libre, 1968-1988*, Paris, Klincksieck, 1988; ID. e A. RIPERT, *Loisir et culture*, Paris, Seuil, 1966.

⁶⁸ Âmbito da Civilização como *ordo*, ou *cosmos mental*, de acordo com a economia racional patente nos vários níveis de inteligibilidade e de justificação das condutas humanas. Cf. GREGORY BATESON, *Mind and Nature. A Necessary Unity*, London, 1979; EDGAR MORIN, *La méthode: 1 – La Nature de la Nature*, Paris, Seuil, 1977; 2 – *La vie de la vie*, Paris, Seuil, 1980; 3 – *La connaissance de la connaissance*, Paris, Seuil, 1986; 4 – *Les idées, Leur habitat, leur origine, leurs mœurs, leur organisation*, Paris, Seuil, 1991; EDWARD O. WILSON, *Consilience*, N.Y., Alfred Knopf, 1998.

⁶⁹ Não apenas as dimensões míticas da cultura, mas do imaginário, das «representações» e da *percepção do mundo*... Cf. ERNST BLOCH, *Das Prinzip Hoffnung*, Frankfurt, Suhrkamp, 1959; WALTER BENJAMIN, *Imaginación y sociedad*, trad. do alem., Madrid, Taurus, 1990; C. CASTORIADIS, *L'institution imaginaire de la société*, ed. cit.; também HANS BLUMENBERG, *Arbeit am Mythos*, Frankfurt, Suhrkamp V., 1979; MIRCEA ÉLIADE, *Le sacré et le profane*, Paris, Gallimard, 1945, etc.

⁷⁰ Trata-se dum domínio em que a *estética*, os quadros de representação são *valorados* em termos de *gosto*, de *opinião*, de *crença*... Cf. vários estudos em: ROY

- «concepção» ou saberes e **linguagem** ⁷¹;
- «valoração» ou opiniões e **ideias** ⁷²;
- «volições» ou sentimentos e **acções** ⁷³.

Em quarto, o *intelecto*- ordem de estruturação e simbolização espiritual ⁷⁴, de valores meta-individuais e até universais, religiosos, etc., em:

- «poder» ou autoridade e **política** ⁷⁵;
- «querer» ou pedagogia e **educação** ⁷⁶;
- «saber» ou ciência e **filosofia** ⁷⁷;

BOYNE e ALI RATTANSI (eds.), *Postmodernism and Society*, London, Macmillan, 1990; MARIO PERNIOLA *Estética e Política*, trad. do ital., Lisboa, Ed. Sagres-Promontório, 1991; M. SAHLINS, *Au cœur des sociétés – Raison utilitaire et raison culturelle*, Paris, Gallimard, 1980... Cf. *supra* n. anterior.

⁷¹ K. WOODWARD (ed.), *The Myths of Information: Technology and Postindustrial Culture*, London, Routledge & K. Paul, 1980; S. HALL, D. HOBSON, A. LOWE e P. WILLIS (eds.), *Culture, media, language*, London, Hutchinson, 1980... Vejam-se os estudos dos *media* e da *comunicação* como traços característicos da *cultura* hodierna: M. McLuhan, *Understanding Media*, N.Y., McGraw-Hill, 1964; M. Serres, *Hermès*, ts. I-III, Paris, Minuit, 1968-74; LANCE STRATE, RONALD JACOBSON, STEPHANIE B. GIBSON, *Communication and Cyberspace – Social Interaction in an Electronic Environment*, Cresskill (N.J.), Hampton Pr., 1996.

⁷² Cf. *supra* notas 68 e 70. Vide ERNEST GELLNER, *Reason and Culture: The Historic Role of Rationality and Rationalism*, Oxford, Blackwell, 1992.

⁷³ É todo o domínio dos valores, ideais... que se pode exemplificar nalgumas reflexões contemporâneas: Cf. DE STEFANO, *Per una etica sociale della cultura*, Milano, 1963; HANS JONAS, *Das Prinzip Verantwortung: Versuch einer Ethik für die technologischen Zivilisation*, Frankfurt, Insel V., 1979; GIANNI VATTIMO, *L'etica dell'interpretazione*, Torino, Rosenberg & Sellier, 1989; ALAIN-GÉRARD SLAMA, *L'angélisme exterminateur. Essai sur l'Ordre moral contemporain*, Paris, Bernard Grasset, 1993; GILLES LIPOVETSKY, *Le crépuscule du Devoir*, Paris, Gallimard, 1992.

⁷⁴ Este âmbito é constituído por uma ordem de inteligência já mais universalista, intuitiva e prática. São as grandes *utopias* também constitutivas do interrelacionamento cultural. Cf. R. RICHTA (ed.), *Civilization at the Cross-Roads*, Sydney, Australian Left Rev., 1967; KARL MANHEIM, *Ideology and Utopia*, London, 1936; FRANK e FRITZIE MANUEL (ed.), *Utopian Thought in the Western World*, Cambridge (Mass.), Harvard Univ. Pr., 1979; BORIS FRANKEL, *The Post-Industrial Utopians*, Oxford, Blackwell/Polity Pr., 1987...

⁷⁵ Cf. G. FRIEDMANN, *La puissance et la sagesse*, Paris, Gallimard, 1970; ERNEST GELLNER, *Contemporary Thought and Politics*, London/Boston, Routledge, 1974.

⁷⁶ Vide, entre outros, P. BOURDIEU, *La reproduction*, Paris, Minuit, 1970; Id., *Homo academicus*, Paris, Minuit, 1984...

⁷⁷ Para além dos textos de J. Habermas, de E. Morin, ainda de G. Bateson, etc., deve aqui chamar-se a atenção para a inter- e a trans-disciplinaridade, não tanto na ordem neo-retórica de um 'saber' pós-moderno (cf. GIANNI VATTIMO, *La Fine della Modernità – Nichilismo ed Ermeneutica nella Cultura Post-Moderna*, Milano, Garzanti Ed., 1985; DAVID MICHAEL LEVIN, *The Opening of Vision – Nihilism and the*

- «*dever*» ou direito e **justiça**⁷⁸;
- «*amar*» ou valor e **religião**⁷⁹.

Enfim, em quinto e por último, o *espírito*-ordem de integração e diferenciação global⁸⁰, manifestando-se em:

- «*corpo*» ou território e '**geografia**'⁸¹;
- «*alma*» ou natureza e '**mundo**'⁸²;
- «*mente*» ou número e '**história**'⁸³;

Postmodern Situation, N.Y./London, Routledge, 1988...), mas no sentido da *complexidade*, das *hierarquias* e das formas de integração reflexivas da Cultura: cf. PIERRE LÉVY, *L'intelligence collective – Pour une anthropologie du cyberspace*, Paris, La Découverte, 1995; F. F. SOULIÉ (dir.), *Les théories de la complexité*, Paris, Seuil, 1991; ainda, I. PRIGOGINE e I. STENGERS, *La Nouvelle Alliance. Métamorphose de la science*, Paris, Gallimard, 1979; PATRICK TORT, *La pensée hiérarchique et l'évolution*, Paris, Aubier-Montaigne, 1983... Vide ainda STEIN ROKKAN, «Recherche trans-culturelle, trans-socétale et trans-nationale», in: Vários Autores, *Tendances principales de la recherche dans les sciences sociales et humaines*, I – *Sciences sociales*, Paris/La Haye, Mouton/Unesco, 1971, pp. 765-824.

⁷⁸ Cf. *supra* notas 62 e 73. N. ROULAND, *Anthropologie juridique*, Paris, P.U.F., 1988; GILLES LIPOVETSKY, *Le crépuscule du Devoir*, Paris, Gallimard, 1992.

⁷⁹ Cf. entre outros: PAUL TILlich, *Religion biblique et ontologie*, Paris, P.U.F., 1970; JOSÉ MARÍA MARDONES, *Postmodernidad y neoconservadurismo – Reflexiones sobre la fe y la cultura*, Estella (Navarra), Ed. Verbo Divino, 1991; JACQUES VERMEYLEN, *Cultures et théologies en Europe – Jalons pour un dialogue*, Paris, Cerf, 1995.

⁸⁰ Nesta última área, de acordo com a estrutura geral desta *classificação*, apontam-se as grandes dimensões civilizacionais, desde a componente *física*, 'geográfica', até à idealização, o *imaginário*, e inclusive o sentido *sacral* ou de transcendência culminante deste vasto edifício... Cf. BRUCE LINCOLN, *Myth, Cosmos and Society, Indo-European Themes of Creation and Destruction*, Cambridge (Mass.)/London, Harvard Univ. Pr., 1986; JOËL DE ROSNAY, *L'homme symbiotique, Regards sur le troisième millénaire*, Paris, Seuil, 1995.

⁸¹ Algumas das determinações, já exemplificadas acima, podem remeter ainda para os estudos de Antropologia Cultural ligados com uma «antropogeografia»... Cf. STEVEN MITHEN, *The Prehistory of the Mind, A Search for the Origins of Art, Religion and Science*, London, Thames & Hudson, 1996; R. L. SMITH, *The Ecology of Man: an Ecosystem Approach*, N.Y., Harper & Row, 1972.

⁸² Cf. *supra* notas 66, 67...

⁸³ Entre outros lembrem-se as sínteses de O. SPENGLER, *Der Untergang des Abendlandes*, München, 1923; A. TOYNBEE, *A Study of History*, Oxford, 1934-54; P. SOROKIN, *How Culture Changes*, trad. franc., Paris, 1964; ainda ERIC VOEGELIN, *Order and History*, 5 vols., Baton Rouge, Louisiana State Univ. Pr., 1958 e segs.; R. WILLIAMS, *The Long Revolution*, Harmondsworth, Penguin, 1965; A. O. LOVEJOY, *The Great Chain of Being, A Study of the History of an Idea*, Camb. (Mass.), Harvard Univ. Pr., 1971; ainda FUKUYAMA, ed. cit., JOSÉ ORTEGA Y GASSET, *El Tema de Nuestro Tiempo...*, Madrid, Rev. de Occidente, 1976; MIGUEL BAPTISTA PEREIRA, *Modernidade e Tempo, Para uma leitura do discurso moderno*, Coimbra, Minerva, 1990.

- «*intelecto*» ou intenção e '**sonho**'⁸⁴; e,
 — «*espírito*» ou transcendência e '**divino**'⁸⁵.

2.3. *Âmbitos de hermenêutica científica e metodológica da Cultura*

Este leque de «categorias», assim sucinta e exemplificativamente estruturado⁸⁶, remete para um imprescindível comentário, cujo desenvolvimento equivaleria mesmo a partes fundamentais de

⁸⁴ Cf. *supra* n. 69. Vide ainda GILBERT DURAND, *Les structures anthropologiques de l'imaginaire*, Paris, Dunod, 1969.

⁸⁵ Todo o vasto campo de uma *decifração teológica* da Cultura... Reflexão de XAVIER ZUBIRI, *Naturaleza, Historia, Dios*, Madrid, Ed. Nacional, 1963; S. ACQUAVIVA, *L'éclipse du sacré dans les civilisations industrielles*, Tours, 1967; PAUL TILlich, *Religion biblique et ontologie*, trad. Paris, P.U.F., 1970; JOSÉ DA CRUZ POLICARPO, *Sinais dos Tempos. Gênese Histórica e Interpretação Teológica*, Lisboa, Sampedro, 1971; Vários Autores, *Fé e Cultura para o ano 2000, I – Tendências pressentidas*, Lisboa, Rei dos Livros, 1992; JACQUES VERMEYLEN, *Cultures et théologies en Europe – Jalons pour un dialogue*, Paris, Cerf, 1995.

⁸⁶ Outras estruturas seriam plausíveis, adentro no mesmo método de diferenciação categorial, tendo em conta os níveis de consciência e de determinação do sujeito humano de cultura. Por exemplo:

I. Formas civilizacionais, referidas a:

1. 'Corpo' e sensibilidade; ao 'ambiente' e ao 'ritmo' da vida:

O espaço-tempo do meio humano	As representações do corpo	O homem e o animal; etologia	Saúde e doença; as medicinas	Morte e reacções perante o morrer
-------------------------------	----------------------------	------------------------------	------------------------------	-----------------------------------

2. Meios e utensílios; artefactos e coisas; gestos e artes:

Técnica	Objectos	Gestos	Artes do viver	Quotidiano
---------	----------	--------	----------------	------------

3. A Sociedade e o convívio: o habitar e a Cidade:

Geografia e demografia	Comportamentos sociais, grupos...	Representações do sujeito; indiv.	Vida privada	A moda e os costumes
------------------------	-----------------------------------	-----------------------------------	--------------	----------------------

4. O Trabalho e o lazer; a Economia, o mercado...:

Economia, comércio	Sociedade massificada	Trabalho e ócio	Jogo, ludicidade e representação	A cidade e o urbanismo
--------------------	-----------------------	-----------------	----------------------------------	------------------------

5. Os Estilos e as maneiras de sentir:

O humor, a ironia.	Erotismo, amor...	Sonho, inconsc.	Violência, agress.	Pessimismo...
--------------------	-------------------	-----------------	--------------------	---------------

II. Simbologia Cultural:

1. Linguagens: Semiótica, semiologia...:

Escrita e civilização	Leitura e arte	Semiologia	Retórica hermenêutica	Tradição e linguagem
-----------------------	----------------	------------	-----------------------	----------------------

2. A 'Máquina' e o Racional: as sistematizações científicas:

Cibernética e «cybercultura»	Comunicação e «globalização»	Racionalidade e teorias do «caos»	Memória e «criatividade»	Utopias e uso do «virtual»
------------------------------	------------------------------	-----------------------------------	--------------------------	----------------------------

uma *Antropologia cultural*, de âmbitos reflexivos (— o projecto das diversas «Ciências Humanas», Sociais, do Homem; ... **Ciências da Cultura**, ou ainda ditas «Ciências do Espírito» —) ... da *Sociologia* e da *Economia*, da *Psicologia* e da *História*, da *Politologia* e da *Axiologia*, bem assim da *Ideologia* e da *Filosofia dos Mitos e da Religião*⁸⁷, envolvendo **métodos variados e níveis de reflexão** que também se graduem desde o *empírico* e mais positivo, de *informação* factual, até à *consideração 'metafísica'* e à especulação simbólica e religiosa, passando pelos modos da *análise* e da *síntese* críticas, em torno a níveis de conhecimento e procedimentos intermédios:

Seja a *imaginação* e os *conteúdos emocionais* apreciativos da cultura, seja a *racionalidade* e os âmbitos nocionais e científicos, sejam ainda as *formas intuitivas* e compreensivas, que permitam entrar em «sintonia» com a «alma» da Cultura⁸⁸, como já foi defendido em contraponto ao mero registo do '*corpus*', melhor dizendo, 'cadáver' civilizacional, que são as formas não-vivas, os restos materiais de uma Cultura.

3. Atitudes éticas e Valores culturais:

Beleza, sedução e Esteticismo	Heroicidade; honra e vergonha	Impureza, pecado e culpa	Lei, dever e responsabilidade	Educação e aprendizagem
-------------------------------	-------------------------------	--------------------------	-------------------------------	-------------------------

4. Expressões do ideal; dos 'fins últimos' e do Sagrado:

Mito e rito; liturgia e cultura	Sacrifício e cultura; ascese	Fé e cultura; Teologia da Cult.	Crise dos valores e niilismo	Fim do paradigma e Transcendência
---------------------------------	------------------------------	---------------------------------	------------------------------	-----------------------------------

5. Expressões da História e referências culturais:

Temas clássicos; a <i>Paidéia</i> ...	Paradigmas tradic. a <i>translatio studii</i>	História das Ideias e Filos. da Cultura	Política e Filosofia da História...	Projecto de Felicidade e Paz...
---------------------------------------	---	---	-------------------------------------	---------------------------------

Ainda de interesse a consulta do elenco presente em: JEAN POIRIER, *Histoire des mœurs*, 3 vols., Paris, Gallimard, «Encycl. de la Pléiade», 1990-91.

⁸⁷ Desde a *Logik der Kulturwissenschaften* de E. CASSIRER (*vide supra*) e, mais longiquamente de *Die Geistige Welt; Einleitung in die Geisteswissenschaften* (1883), de W. DILTHEY, e de H. RICKERT, *Kulturwissenschaft und Naturwissenschaft*, Freiburg, 1899, até às modernas reflexões, já citadas, de J. HABERMAS, ainda de MAX HORKHEIMER e TH. ADORNO, *Dialektik der Aufklärung*, Frankfurt, Fischer V., 1969, passando ainda por Rorty, Vattimo, Lyotard... na pós-modernidade, etc., que se constitui um núcleo de reflexão de *filosofia da história* que é também de forma mais ampla uma *filosofia da cultura, da linguagem e da técnica*... O contributo daquelas «ciências sociais ou humanas» sectoriais encontra, então, aí a sua integração. Cf. C. NELSON e P. A. TREICHLER (eds.), *Cultural Studies*, N.Y./London, Routledge, 1992; SIMON DURING, *The Cultural Studies Reader*, London/N.Y., Routledge, 1999; S. SEIDMAN (ed.), *The Postmodern Turn – New perspectives on social theory*, Cambridge/N.Y., Cambr. Univ. Pr., 1994.

⁸⁸ Cf. O. SPENGLER, *Der Untergang des Abendlandes*, ed. cit.; *vide* reflexão em PAUL VALÉRY, «La crise de l'esprit», in: *Oeuvres*, Paris, Gallimard, «Pléiade», 1968, t. I, pp. 988 e segs.

De qualquer modo, e num breve comentário daqueles vários momentos de clivagem sobre a Cultura, enquanto dimensões ainda vivas da Civilização, tal a sua base de apoio, como «encarnação» de tal 'alma', poder-se-á referir que *as dimensões do corpo e suas técnicas*, nomeadamente como «raça», «sexo», «idade», etc. constituem problemas de uma intersecção sensível, a que se complementam valências culturais logo tradutoras dessa primeira ordem, respectivamente através de *condutas emocionais*, a saber: pela «guerra», «prazer», «arte», também «jogo», etc.⁸⁹. Isto é, o que era uma maneira de *fazer*, — por exemplo ao nível de conduta rática, tribal, etc., ou enquanto procedimento alimentar, sexual, etc., ao nível dessa civilização do corpo, - transforma-se num modo de ser guerreiro, violento, ou de arte erótica e do prazer, ainda do puramente lúdico, etc.⁹⁰.

2.4. *Configurações internas da Cultura*

Cada nível corresponde-se e transforma-se no subsequente, mostrando não só uma complementaridade e *analogia orgânica* entre as diversas instâncias desta estruturação, mas também permitindo verificar que o *organismo* da Cultura no seu todo se reflecte em vários níveis, como uma integralidade que se espelha desse modo interdisciplinar e relacional permitindo uma *metamorfose interna* da Cultura e como sua simbólica **Vida** própria. (*Vida das formas, dir-se-ia...*)⁹¹.

O empirismo, sociológico ou não, o pragmatismo e o funcionalismo, a posição dialéctica e crítica, ou mesmo o platonismo idealista... em relação à Cultura mostram como ela transcende esta sua mesma leitura, sobrevive para além do já dito, enfim, viabiliza um conhecimento que ascende do *fazer* à *arte*, ou *habilidade*, daí à razão, à *teórica consideração*, enfim ao *agir* ou à *prática*, passando pelas formas de *memória*, ou tradição histórica, *pelo imaginário* mesmo de uma criatividade...⁹² — ainda pelo emocional, desidera-

⁸⁹ Cf. *supra* notas 57 e segs. e 63 e segs.

⁹⁰ Cf. *supra* n. 67 e *vide* JEAN POIRIER, «De la Tradition à la postmodernité: La machine à civiliser», in: ID. (dir.), *Histoire des mœurs*, III, Paris, Gallimard, 1991, pp. 1551-1615; GEERTZ, *The Interpretation of Cultures*, N.Y., Basic Books, 1973.

⁹¹ Cf. HENRI FOCILLON, *Vie des formes*, Paris, P.U.F., 1964; G. MICHAUD, *Identité collective et relations interculturelles*, Paris, P.U.F., 1976.

⁹² Cf. *supra* n. 69.

tivo, intuitivo, etc. Donde que a Cultura seja também um instrumento global de *transformação* do Homem, de processo de desenvolvimento possível da (própria cultura, ou) manifestação do humano. (Cultura antropológica que aponta para uma **Antropologia Fundamental...**)⁹³.

Então, tendo em conta esta plasticidade e interior capacidade metamórfica da Cultura, pode afirmar-se o seu *carácter pedagógico*, o sentido de um certo «isolamento» ou clausura de identificação própria, mesmo quando se trate de uma situação efémera, já que a Cultura *poiética, prática e teórica*, ainda *memorial e imaginária*, tem em vista constituir para o existente um quadro real de possibilidades...⁹⁴.

E tal maleabilidade de estádios e graus, ao longo da estruturação de várias categorias de desenvolvimento ou transformação possível permite definir a Cultura como um *organon* global de **Educação**, não apenas paradigma, nem tão só imagem do mundo e da realidade, mas modelo vital e suscitante de uma aprendizagem que permita (ou não) realizar os mais altos desígnios da Vida. (Cultura, então, como *Paidéia...*)⁹⁵.

Tais «categorias» vêm ainda assinaladas por um desenvolvimento, um estágio temporal, ou seja, pela ideia básica de que todo o processo cultural é um *ritmo histórico*, mesmo quando não directamente determinado pela expressão temporal, pelo momento histórico, pela consciência memorial, pelo valor tradicional ou por certa atitude em relação ao património⁹⁶. Quer dizer que a Cultura se pauta ela mesma por fases de um ciclo, ou progresso, evolução,

⁹³ Cf. *supra* notas 13 e 27; vide EMERICH CORETH, *Was ist der Mensch?*, Wien, Tyrolia, 1986; BERNARD GROETHUYSEN, *Anthropologie philosophique*, Paris, Gallimard, 1953; e sobretudo as reflexões de MAX SCHELER, *Die Formen des Wissens und die Bildung*, Bonn, 1925; M. HEIDEGGER, *Ein Brief über den «Humanismus»*, Bern, Francke V., 1947, L. WITTGENSTEIN, *Vermischte Bemerkungen/Culture and Value*, Oxford, Blackwell, 1980...

⁹⁴ Aquela tripartição aristotélica, correspondente ao *fazer*, ao *agir*, e ao *conhecer*, ou pensar, é uma outra glosa daquela estruturante complexidade básica do humano, como *micro-cosmos*, também *imago Dei*, como diria a sabedoria bíblica, donde na privilegiada cifra para o universal conhecimento, porte ético-político e artístico-técnico da Civilização. No entanto, se se pode assim advogar uma universalidade formal da Civilização, neste seu porte *planetário* (cf. Teilhard de Chardin...) ou *global*, por outro lado, ao nível das concretas ('materiais') *realizações* da Cultura, já se terá de privilegiar o seu carácter plural e diversificado, a própria riqueza resultante da diversidade (como na 'bio-diversidade'...).

⁹⁵ Cf. *supra* notas 3 e 13.

⁹⁶ Cf. *supra* notas 15 e 16.

dialéctica ou mutação, constituindo-se de modo transitivo, apesar de constante nessa transição, efémero, posto que repetitivo, etc., por conseguinte, na condição da **História** ⁹⁷.

Enfim, no interrelacionamento e intrínseco desenho que contribui para uma sistemática figura, *Speculum*, da Cultura, esta apresenta-se como um «Todo», uma representação de totalidade, uma absolutização possível... relevando, assim, do que se poderia pretender em termos de **Tradição** e do seu valor integral ou sapiencial ⁹⁸.

2.5. *Para uma compreensão diferencial da Cultura*

Mas estes comentários em relação à categoriologia básica da Cultura devem ainda advertir de que esta *tendência sintética e resolutive da Cultura em si mesma* não pode fazer equivocar um outro sentido mediativo e instrumental da mesma.

De facto, embora o movimento tendencial primeiro, em geral apercebido, seja o da amplificação do humano na Cultura, a passagem do 'selvático' à 'civilização', ou mais propriamente à justificação e dinamismo cultural das formas civilizacionais nos «altos ideais» da Cultura, (movimento *converso*...), — no entanto, a consciência crítica que esta mesma dinâmica cultural implica há-de inflectir-se sobre si mesma, reconhecendo-lhe a base *humana, demasiado humana*, denunciando-lhe, assim uma real fecundidade transformadora, alternativa e operante de uma 'transcendente' criatividade ⁹⁹.

Então, se se considerar um outro movimento («**arqueologia**» da cultura...) conducente do humano para a consideração das suas básicas necessidades, dos limites mesmos materiais, as dimensões

⁹⁷ Cf. notas 58 e 116; PAUL SCHAFER, *Culture, Beacon of the Future*, Westport, Connect., Praeger, 1998, pp. 83 e segs.: «The Cultural Interpretation of History».

⁹⁸ Neste último sentido não se pode deixar de referir as posições do *tradicionalismo metafísico* e crítico global da modernidade histórica: RENÉ GUÉNON, *La crise du monde moderne*, Paris, Bossard, 1927; ID., *Le règne de la quantité et les signes du temps*, Paris, Gallimard, 1945; JULIUS EVOLA, *Rivolta contra il mondo moderno*, Milano, Hoepli, 1934; ID., *Cavalcare la tigre*, Milano, Scheiwiller, 1961; vide ainda RAYMOND ABELLIO, *Vers un nouveau prophétisme*, Paris, Gallimard, 1950.

⁹⁹ Cf. *supra* n. 68. Ainda de reter a posição de CHARLES P. SNOW, *The Two Cultures: and a Second Look*, Cambridge, Cambr. Univ. Pr., 1959, reed. 1963; e JOËL DE ROSNAY, *Le macroscopie, vers une vision globale*, Paris, Seuil, 1975, na referência à divisão e hierarquização cultural, bem assim à perspectiva *holística* actual. Cf. *infra* n. 116.

não-conscientes da cultura, reconhecendo as fronteiras entre a civilização e o que são âmbitos instintivos ou mesmo pulsionais ainda «selváticos», (movimento *subversivo*...) ¹⁰⁰, entretanto operante ulteriormente ao nível das super-estruturas culturais, permitir-se-á por essa prévia «descida aos infernos», ascender depois a níveis realmente amplificantes do meramente humano e desse modo delimitado ¹⁰¹.

De salientar a **valência heurística** que tem este movimento cultural no sentido de descida aos 'elementos' *minimais*, aos 'gestos' *arquetípicos*, à 'arqueologia' de uma linguagem, aos 'magmas' do imaginário e do simbólico, apontando assim, não apenas para uma Cultura, mas para uma *pluralidade de sínteses culturais*, uma ordem de criatividade e de transcendência adentro no dinamismo desse básico procedimento civilizacional ¹⁰².

Enquanto a ilusória moção *humanística* da Cultura lhe dá uma configuração «sofística», de *doméstica clausura* e gestão do humano, do racional e *apolíneo*, — esta outra *visão plural* e civilizacional, 'arqueo-lógicamente' fecunda, mais ao jeito «socrático», dá à Cultura um *sentido aberto*, sobretudo numa dimensão infra- ou supra-racional, desde o *dionisíaco* ao *hermético*, passando sobretudo por uma **caracterização heteronímica** da «identidade» cultural ¹⁰³.

¹⁰⁰ A observação de condutas *pulsionais*, etc.: cf. *supra* notas 50, 51, 64...; cf. Anne MacLEAN, *The Elimination of Morality – Reflections on Utilitarianism and Bioethics*, London/N.Y., Routledge, 1993.

¹⁰¹ Assim se entende o 'retorno às origens' na perspectiva da Antropologia Cultural. *Vide*, entre outros, M. Éliade, Cl. Lévi-Strauss, ... ainda: H. LÉVY-BRUHL, *La mentalité primitive*, Paris, P.U.F., 1947; ÉMILE DURKHEIM, *Les formes élémentaires de la vie religieuse*, Paris, P.U.F., 1969⁴; B. MALINOWSKI, *A Scientific Theory of Culture and Others Essays*, North Carolina, Univ. Pr., 1944; MARCEL MAUSS, *Manuel d'ethnographie*, Paris, Payot, 1967...

¹⁰² Como se referiu em *gestos, sinais, condutas*, etc. «pre-rationais» ou *infra-mentais* porém numa «outra inteligência» *emocional* (cf. DANIEL Goleman, *Emotional Intelligence*...), *imaginária* (*vide*, por exemplo, G. DURAND, *L'imaginaire*...); *mnésica* (cf. FRANCES A. YATES, *The Art of Memory*...). Ver ainda: STEVEN MITHEM, *The Prehistory of the Mind*, ed. cit. *supra*.

¹⁰³ Cf. *infra* n. 105...; posição não apenas no eco de Fernando Pessoa, ainda de U. ECO, *Opera Aperta*, Bompiani, Ed. Fabbri, 1962, mas sobretudo de GILBERT DURAND, *Introduction à la Mythodologie – Mythes et sociétés*, Paris, A. Michel, 1996, pp. 133 e segs., quando distingue entre o teor *prometeico* (ou também *apolíneo*) de uma *ordem da cultura, da sua disciplina e poder*, etc., em comparação com o sentido *órfico* (ou *dionisíaco*), hoje referível na civilização dos *media* e das formas aparentemente caóticas da sua intervenção no social; enfim, para este último Autor, haveria de se remeter para um nível de *realização espiritual ou integral*, que fica designado por *hermético* (relativo a Hermes, símbolo de toda a real *comunicação-comunhão*...).

A Cultura assim pluralmente determinável, não só se dirá preferentemente diversificada, relativizada, comparável, hierarquizável e diferenciável em *culturas*¹⁰⁴, mas permitirá considerar adaptações e conjugações entre por exemplo, culturas dominantes e dominadas, majoritárias e minoritárias, eruditas e populares, de elite e de divulgação, idiossincrásicas e polivalentes, etc.¹⁰⁵. Todo esse **estatuto de pluralismo** da(s) Cultura(s) há-de ser muito importante nas valências tópicas e utópicas, sincrónicas e diacrónicas, memoriais e proféticas, literais ou metafóricas, etc. adentro na comparatividade e intercruzamento cultural¹⁰⁶.

Ora, é para este âmbito das relações inter-culturais que precedentemente apontam elementos de entruzamento civilizacionais nas suas variantes de uso, de registo, de noção, ou mesmo de valência simbólica, fazendo com que haja muito a atender-se aos fenómenos de mimetismo, de influência, de osmose, mesmo de miscenização, ou até de contraponto e diferenciação, entre esses elementos e estruturas determinantes e formadoras das diversas culturas¹⁰⁷.

¹⁰⁴ Cf. *supra* n. 93. Vide actualmente toda uma reflexão, já não sobre a tensão *bi-nomial* das «duas culturas» (cf. *supra* CH. SNOW), mas da *terceira cultura*: JOHN BROCKMAN, *The Third Culture*, trad. port., Lisboa, Temas e Debates, 1998; ainda: WOLF PEPENIES, *Die drei Kulturen: Soziologie zwischen Literatur und Wissenschaft*, München/Wien, Carl Hanser V., 1985.

¹⁰⁵ Entre outros lembrem-se diversos estudos em J. RUTHERFORD, *Identity, community, culture, difference*, ed. cit.; ainda: G. MICHAUD, *Identité collective et relations interculturelles*, Paris, P.U.F., 1976; Jean-François BAYART, *L'ilusion identitaire*, Paris, Fayard, 1996, pp. 92 e segs.; e *vide supra* n. 77.

¹⁰⁶ Cf. C. GEERTZ, *The Interpretation of Cultures*, ed. cit., pp. 67 e segs.; ainda sobre as dinâmicas temporais (rítmicas ou cíclicas) e memoriais das diversas culturas, cf. M. HALBWACHS, *Les cadres sociaux de la mémoire*, Paris, 1932; F. YATES, *The Art of Memory*, London, Routledge, 1966; GARY TAYLOR, *Cultural Selection*, N.Y., Basic Books, 1996.

¹⁰⁷ São sobretudo fenómenos relacionais de superfície ou aparência, hoje potenciados pelos *media* sociais (*vide* vários contributos em: S. DURING, *The Cultural Studies...*, ed. cit., pp. 507 e segs.: «Media and public spheres») e que contribuem para a ambiguidade das formas inter-culturais. Importaria distinguir entre formas aparentemente *isomorfas* e uma real «afinidade» mesmo sob o aparente *polimorfismo* cultural. (Neste tocante foi, noutro âmbito, determinante o modelo de investigação de rigor de RENÉ THOM, *Modèles mathématiques de la morphogenèse: recueil de textes sur la théorie des catastrophes et ses applications*, Paris, Union gén. d'édit., 1974.) Julgamos que alguns dos quadros alargados da *cultura* tecnológica e da *civilização do virtual* (cf. KEVIN ROBINS e FRANK WEBSTER, *Times of the Technoculture – From the information society to the virtual life*, London/N.Y., Routledge, 1999, pp. 221 e segs.) apetrecham com um instrumento de mor discernimento possível o que certo 'realismo ingénuo' poderia comprometer numa apreciação vaga e 'literária' da

É a proposta que aqui se deixa de um verdadeiro «diagnóstico» ou **método diferencial** dos dados sintomatológicos de uma configuração cultural, não tanto por uma mera comparação de estruturas, mas por um sentido das divergências, dos desvios, das irregularidades mais assim significativas¹⁰⁸.

3. Conclusão: o diferente da cultura

Após todo o levantamento teórico e o questionário que se deixou aberto na indagação definitiva e compreensiva da Cultura, bem assim das suas características e categorias fundamentais, uma vez reconhecida a importância das suas *bases civilizacionais e materiais*, ainda do modo como as *representações culturais* podem funcionar como detonadoras dessas *valências profundas da vida*, pode concluir-se pelo sentido operatoricamente humano da Cultura. Sendo ela constituída, não tanto por aspectos, elementos, concepções ou intencionalidades, inclusive por práticas, que se auto-identifiquem, se estabeleçam numa *relação identitativa* e estática, mas outrossim por *condutas transformadoras*, antes do mais, de si mesma, propondo um *organon metamórfico* para o humano viver, para a insatisfeita criatividade do Homem¹⁰⁹.

Cultura, permitindo, pelo contrário, o reconhecimento de uma *mutação de paradigma epistémico e de consciência*. Cf., entre outros, E. MORIN, *Science et conscience*, Paris, Fayard, 1982.

¹⁰⁸ Cf. GILBERTO VELHO (org.), *Desvio e Divergência – Uma crítica da patologia social*, Rio de Janeiro, Zahar, 1981. Ainda L. A. ZURCHER, *The Mutable Self, A self-concept for social change*, London, Sage, 1978; e, P. TAP, *La société pygmalion? Intégration et réalisation de la personne*, Paris, Dunod, 1988. O método de abordagem que, entretanto, pela nossa parte deixamos indicado, de tipo categorial, aponta, outrossim, para um *discernimento metafísico* e até com porte contemplativo ou espiritual: vide CARLOS H. DO C. SILVA, «Da diferença pensada ao discernimento vivido», in: *Rev. Portug. Filos.*, 50 (1994), pp. 411-441.

¹⁰⁹ Não tanto no sentido iluminista, já hoje contestado, de um *progresso* (cf. R. ARON, *Les désillusions du progrès. Essai sur la dialectique de la modernité*, Paris, Calmann-Lévy, 1986...), mas de uma criatividade *imaginária* (tanto na acepção de DANIEL J. BOORSTIN, *The Creators – A History of Heroes of the Imagination*, London, 1992, quanto, sobretudo, na perspectiva de uma *auto-realização* das possibilidades do humano: ANTHONY P. COHEN, *Self Consciousness – An alternative anthropology or identity*, London/N.Y., 1994; BRIAN MORRIS, *Anthropology of the Self, The Individual in Cultural Perspective*, London/Boulder, Color., Pluto Pr., 1994).

No entanto, não quer isto dizer, como se reconheceu, que o lastro cultural, a tradição herdada, a tendência conservadora e até a fixidez habitual dessas condutas não sejam quase como que uma constante de *entrópica negatividade* e obstáculo ao que se apontou como estímulo criativo presente na Cultura¹¹⁰. De facto, o que muitas vezes suscita essa fecundidade, não é tanto um procedimento directamente plástico, diferenciador e proponente de possibilidades, mas o que só indirectamente pode ser tal, suscitando, entretanto, de forma muito mais profunda um tempo de exercício crítico, de «demolição» ou *desconstrução*, de capacidade dialéctica e de actividade analítica, capazes de contraporem e descobrirem, inclusive nas margens, no lastro, no aparentemente menos significante e mais civilizacionalmente «empedernido», as virtualidades para a «revolução» cultural que sempre se haja de promover¹¹¹.

Entre o repouso da cultura e esta sua reanimação de base, qual ritmo de 'sístole' e de 'diástole' do seu mesmo coração, ainda que na mecânica representação do humano, a Cultura pode, então, ser valorizada neste seu momento crítico, de *crise* mesma, por onde se almejam outras possibilidades vitais, normalmente numa acção vicariante, numa alternância dialéctica, numa melhor adaptação à vida, etc. E o que é decisivo nesta oportuna *desconstrução crítica* da Cultura, neste verdadeiro acto culto que equivale a um «*aprender a desaprender*», é o sentido *diferente* do tratamento do Mesmo, que não de uma mesma atitude mesmo em relação a tal diversidade possível¹¹².

¹¹⁰ Sendo de lembrar o lema de Píndaro — homem, «torna-te naquilo que és!» —, muitas vezes se reconhece que a preocupação pela Cultura, deixa de ser um meio de tal realização, para se constituir num *fim* em si mesmo — uma espécie de «religião laica» e de 'sacralização' da Cultura, confundindo-a com a diversa natureza do *espiritual*... Cf. *supra* n. 5...; e *vide* referências em nossos estudos: CARLOS H. DO C. SILVA, «Natureza e Tempo – Em alternativa a uma Filosofia da História», ed. cit. *supra*; e ID., «Razão crítica e inteligência da Fé – O desafio religioso da cultura hodierna», in: *Cenáculo*, 36, n.º 142 (1996/97), pp. 27-66.

¹¹¹ Cf. *infra* n. 121; *vide* CARLOS H. DO C. SILVA, «Filosofia (trans)cultural ou idéia de cultura filosófica» in: *Itinerarium*, XXXIV, 130-131, Jan.-Ag. (1988), pp. 274-286; ID., «Pedagogia da Fé: «Aprender a Desaprender», in: *Reflexão Cristã*, 64/ 65, Jul./Set. (1989), pp. 5-118.

¹¹² A expressão socrática e ascética deste «aprender a desaprender» é da poética pessoana (do «Guardador de Rebanhos» de Alberto Caeiro, como se sabe)... Supõe-se uma outra *atenção* à vida que não a confunda com certa «representação mental», nem sequer intermediária, mas culturalmente *artificial* e inútil, enquanto tal, em relação à mesma vida. Cf. n. anterior e *vide infra* notas 121 e 124.

Perspectiva diferencial que permite encarar a Cultura numa *condição adjetiva* e, afinal, precária, como uma «representação» cómoda e integradora, cuja utilidade vital, cujo *valor psicológico e mental*, não deva fazer esquecer, tanto o irredutível de uma Natureza que não tem de ser cultivada, salvando-se o selvático e cósmico como tal, quanto um Espírito que 'está pronto' e não tem também que ser objecto de escolástica usurpação, de intelectual deformação¹¹³.

A Cultura interpela, *mima*, representa ou *especula*, hábitos e exigências psicológicas centrais e relativas ao âmbito de livre arbítrio do humano, ou seja, respeita sobretudo a esse patamar em que a Humanidade se tem de fazer a si mesma, ainda que na referência diferencial de tudo o mais¹¹⁴.

Verdadeiro *casulo* para a metamorfose assim vital e espiritual do Homem, não absolutamente indispensável, mas muito útil e praticamente imprescindível quando o homem con-viva e tenha de partilhar em sociedade o comum e o próprio, a Cultura representa um *organon* muito complexo, ainda que normalmente apenas utilizado de forma mecânica¹¹⁵. Órgão artificial, ainda frequentemente pouco conhecido na sua inteireza, como se um *mundo*, uma *munda-idade*, da fenomenológica miragem, o 'espelho' da cultura, quando inteiramente apurado reflecte, sim, a inteireza cósmica do *humano* e do que, enquanto tal se impõe como generalização, ou seja, como *humanidade*¹¹⁶. Mas o que tal âmbito de representação e instru-

¹¹³ Cf. Mt 26, 41; o *antes e depois* da Cultura, a periferia real deste vasto fenómeno hermenêutico... — eid o que deve atender-se nesta reflexão sobre o *essencial antropológico* da Cultura. Cf. ainda P. TILICH, «Religion and Secular Culture» (1946), reed. in: ID., *Hauptwerke*, vol. 2, Berlin/N.Y., De Gruyter, 1990, pp. 197 e segs.; *vide* nossa reflexão: CARLOS H. DO C. SILVA, «Visão Cristã do Homem num ambiente cultural secularizante», I e II, in: *Communio*, III-4, Jul.-Ag. (1986), pp. 292-322; Id., III-5, Set.-Out. (1986), pp. 452-472.

¹¹⁴ É esta dimensão *essencial* de uma não sistematização definitiva que aqui cumpre salientar. Cf. M. MAFFESOLI, *La conquête du présent*, Paris, P.U.F., 1979. O carácter especulativo é, neste caso, determinado por condutas *miméticas*, repetitivas ou habituais, no que precisamente se reflecte como da ordem da cultura. Do que se cultivou e assim se há-de cultivar... Cf. ERIC VOEGELIN, *Order and History*, ed. cit., vol. I; C. CASTORIADIS, *L'institution imaginaire de la société*, Paris, Seuil, 1975.

¹¹⁵ A essência da *cultura* poder-se-ia analogar à essência da *educação (paideia)* no célebre símile da *caverna platónica* (*Rep.*, VII, 514a e segs.): não está em obter-se a *cultura* em relação a outros objectos vistos da mesma maneira, mas em *cultivar-se uma diferente atitude*, de descoberta, ou de transcensão da própria mediação cultural... Cf., entre outros, ABEL JEANNIÈRE, *Lire Platon*, Paris, Aubier, 1990, pp. 183 e ss.

¹¹⁶ Cf. *supra* R. RORTY, *Philosophy and the Mirror of Nature*, ed. cit.; CARLOS H. DO C. SILVA, «Natureza e Tempo – Em alternativa a uma Filosofia da História»,

mentação para a auto-realização do humano contém não é *directamente* tal caminho vital, espiritual, numa palavra, *real*, porém tão só o «*como se*», o domínio do *simbólico*...¹¹⁷.

Donde a necessidade de um *diferente* uso, de um divergente pensar, de uma prática diferencial que possibilite uma *autêntica realização* não do símbolo mas daquilo para que ele ainda poderia apontar. Donde ainda o cuidado em distinguir entre aqueles âmbitos em que a Cultura apenas visa utilidades externas (*exotéricas*), pragmáticas *mediações básicas da vida*, daquelas que já apontam para uma excedência, uma inutilidade, um aparente luxo, que *medeiam algo de mais essencial* e, porventura críptico ou latente (*esotérico*): apresentando-se, pois, como traço de união, qual *yoga* cultural, em que a Arte, a Ciência, a Moral e a Religião, constituem uma espécie de Filosofia *mesotérica* do humano, contribuindo, nesta consciência, para um seu profundo desenvolvimento¹¹⁸.

Eis, o sentido *diferencial* em relação à Cultura, em si mesma ambígua, como *ars magna* deste possível uso, tanto capaz de «enganar» os que não sabem, com os brilhos sedutores do que não tem luz própria, é alienação, lunática errância, em fuga e deriva do mais essencial, básico, corpóreo ou encarnacional¹¹⁹; como, por outro

ed. cit. *supra*. Haverá de se ter presente o sentido *holístico* e a mutação de escala do universo de referência em relação à habitual métrica da Cultura: cf. JOËL DE ROSNAY, *Le macroscope, vers une vision globale*, Paris, Seuil, 1975; e RUSSELL, *The Awakening Earth, The Global Brain*, London/Melbourne/Henley, Ark, 1984; cf. *supra* notas 68, 99.

¹¹⁷ Condição 'transcendental' de todo o saber cultural, consciencializável desde o *Als ob* kantiano: Cf. MONIQUE CASTILLO, *Kant et l'avenir de la culture*, Paris, P.U.F., 1990; *vide* ainda ERNST CASSIRER, *Die Philosophie der Aufklärung*, Tübingen, J. C. B. Mohr, 1932. Quanto à valência *simbólica* da Cultura: ID., *Philosophie der Symbolischen Formen*, ed. cit.; *supra* notas 13, 47.

¹¹⁸ São como que três *círculos concêntricos*, segundo o paradigma das «moradas» da alma de Santa Teresa de Ávila, do mais *exterior* (ou adjectivo), ao mais *interior* (ou essencial), passando pelas formas privilegiadas da cultura — as *médias*, mediadoras entre a base material civilizacional e o fulcro espiritual para que aponta a cultura. Sobre o simbolismo «ternário» e ainda «quaternário» (Arte, Ciência, Filosofia e Religião, como *quatro pilares do 'Templo'...*), cf. *supra* n. 43.

¹¹⁹ É a situação constante da tradição filosófico-cultural ocidental no perpétuo balanceamento entre o sofístico e o socrático, o pragmático e o ideal, o civilizacional e o ideário cultural, o temporal e a busca de eternidade, etc. O tema aparece desde os presocráticos e pode simbolizar-se nos *díkranoi*, ou seres duplos, de duas-cabeças, que olham para um e outro lado, tal como Parménides caracteriza essa *anfibiológica itinerância* dos que vivem as aparências... Cf. nosso estudo: CARLOS H. DO C. SILVA, *Díkranoi – Da dupla visão ao discernimento – Crítica da expressão em Parménides (B, 6, 5) e sua revalorização simbólica*, in: *Didaskalia*, VI (1976), pp. 307-379.

lado, capaz de «acordar» para uma luz verdadeira, posto que ainda remota nessa nocturna condição de ensaio e erro, de compreensão mesma da Vida e sua fecunda expressão ¹²⁰.

Haja, então, de se percorrer não só o itinerário simbólico da «Divina Comédia» da Cultura e dos fins últimos da sua moralização dramática, mas de lhe introduzir o *diferente*, aquele 'olhar de soslaio', aquela *ironia* — desde sempre socraticamente anti-cultural ¹²¹ —, que é reserva de criativo caminho anatréptico, refontalização, evitando a 'literatura' e tangendo o concreto da Vida, porém ao nível «meta-físico» dos seus mesmos fundamentos reais ¹²². Deste modo, por esta singular *ontologia* da Vida, contorna-se diversamente ainda que a mesma órbita da cultura, reconhecendo-se a sua *natureza*, a sua *essência* determinante, o seu *sentido*, inclusive o seu *espírito* e os seus *limites* possíveis.

'Natureza segunda', «clonada» ainda que artesanalmente a partir do psiquismo humano, sendo-lhe essencial a auto-referenciação, que trai o carácter *representativo* de «outro», ou «outrém»¹²³, sendo o seu 'espírito', afinal, o de *fingir* uma autonomia, uma auto-

¹²⁰ É a *fecundidade* do fermento bíblico e da relação de irredutibilidade cultural das bases encarnacionais da civilização cristã. Vide H. RICHARD NIEBUHR, *Christ and Culture*, N.Y., Harper & Row, 1951 e reed.; cf. também: PAUL TILLICH, *Über die Idee einer Theologie der Kultur*, in: «Kant-Gesellschaft», trad. e reed., Oxford, Oxf. Univ. Pr., 1959; cf. *supra* notas 79 e 85.

¹²¹ Perspectiva socrática, também atenta a discernir a «pedra rejeitada pelos construtores», ou então ainda 'marginal'... Cf. JACQUES DERRIDA, *Marges de la philosophie*, Paris, Minuit, 1972; T. ROSZACK, *Vers une contre-culture*, trad. do ingl., Paris, Stock, 1970; RICHARD RORTY, *Philosophy and the Mirror of Nature*, Princeton, Princ. Univ. Pr., 1979; Ainda de referir a *consciência crítica* de L. BOFF, *A águia e a galinha – Uma metáfora da condição humana*, Lisboa, Multinova, 1997.

¹²² Como no lastro *sapiencial* capaz de diagnosticar os sentidos realizativos do *tempo oportuno* e da vivência espiritual. Cf. PAUL SCHAFER, *Culture, Beacon of the Future*, ed. cit., pp. 97 e segs. É ainda todo o tema dos 'sinais dos tempos', cf. *supra* n. 85; e vide JOÃO PAULO II, *Il progetto di Dio – Decalogo per il terzo millenio*, Milano, Ed. Piemme Spa, 1994; Ainda C. G. JUNG, M.-L. VON FRANZ, e JOSEPH L. HENDERSON (eds.), *Man and his Symbols*, ed. cit. *supra*.

¹²³ Sempre muito importante este sentido de *alteridade* no dinamismo interno da cultura, não só pela «ilusão» do *identitário* (cf. J.-F. BAYART, cit. *supra* n. 105), mas por uma consciência de se *outrar* (ainda no sentido pessoano), na já referida dimensão *heteronímica* da maior e plural riqueza da cultura. Vide em particular o *pluridimensional profético* trazido na reflexão judaica de E. LÉVINAS, *Humanisme de l'autre homme*, Montpellier, Fata Morgana, 1972; ID., *Autrement qu'être ou au-delà de l'essence*, Paris/Hague, Kluwer/M. Nijhoff, 1974 e reed.

suficiência, que não tem, sendo isso até revelador dos seus mesmos limites como mera *simbolização*¹²⁴. De qualquer modo, Cultura como *meio* de realização do humano, desde que *assim diferencialmente* utilizada e criticamente *consciencializada*.

CARLOS HENRIQUE DO CARMO SILVA

¹²⁴ Este é o profundo sentido da cultura como uma *arte de fingimento*, porém capaz assim de abrir para as possibilidades que tal *simbolização* implica... Cf. ainda nossa reflexão: CARLOS H. DO C. SILVA, «Da essência irreal do símbolo», in: *Portugueses, Rev. de Idéias*, 2, Março (1988), pp. 33- 37; e Id., «Da natureza anfibológica do símbolo – A propósito do tema: «Mito, Símbolo e Razão», in: *Didaskalia*, XII (1982), pp. 45-66.